

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

TAMARA CORREIA ALVES CAMPOS

**CONHECIMENTO POPULAR DE DONA FLOR, RAIZEIRA E PARTEIRA:
Efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**

BRASÍLIA, DF

2013

TAMARA CORREIA ALVES CAMPOS

**CONHECIMENTO POPULAR DE DONA FLOR, RAIZEIRA E PARTEIRA:
Efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharela em Saúde Coletiva.

Orientadora Profa. Dra. Silvia Maria Ferreira Guimarães

BRASÍLIA,DF

2013

TAMARA CORREIA ALVES CAMPOS

**CONHECIMENTO POPULAR DE DONA FLOR, RAIZEIRA E PARTEIRA:
Efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. **Silvia Maria Ferreira Guimarães** (UnB/FCE)

Profa. Dra. **Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira** (UnB/FCE)

Profa. Dra. **Rosamaria Carneiro** (UnB/FCE)

DEDICATÓRIA

À Dona Flor que compartilhou comigo suas belas histórias de amor e dedicação no ato de cuidar do outro.

Dedico este trabalho, também, aos profissionais e futuros profissionais da saúde, que este sirva como aporte reflexivo para a necessidade de se efetivar a integralidade do cuidado em nosso vigente sistema oficial de saúde.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de iniciação científica e, principalmente, pela a oportunidade de fazer parte de um projeto amplo de pesquisa, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Silvia Guimarães docente do curso de Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, sobre “O sistema médico de terapeutas populares no DF e na região do entorno”, pesquisa norteadora para a consolidação deste trabalho.

À minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Silvia Guimarães, pela dedicada orientação, por cada sugestão, pela confiança em meu potencial e também por incentivar pesquisas que geram um processo reflexivo do reconhecimento e do respeito à singularidade e subjetividade dos sujeitos.

Agradeço, também, a você Dona Flor, obrigada por cada momento de conversa, de conselhos, de aprendizado, pela sua amizade que parece ter sido consolidada há anos. Saiba quanto foi importante conhecer uma pessoa como a senhora que transborda amor e generosidade ao falar do outro.

Aos meus pais, por estarem comigo sempre, pelo amor incondicional, pelas palavras de conforto e pelo incentivo para realização desta pesquisa, quando se dispuseram a conhecer Dona Flor. Aos pilares da minha vida, minha família. Ao meu amor, Lucas, que esteve sempre ao meu lado, escutando minhas lamúrias, meus dilemas diários, me confortando e pela sua solicitude em me levar até Dona Flor em Alto Paraíso, GO. Amo muito vocês!

Às minhas lindas amigas que conheci ao longo do curso, Ana Clara Piretti, Letícia Dias, Lillian de Paula, Jeane Santos, Mábia Bastos, Monique Mesquita e Thalita Anjos por compartilhar vitórias e angustias e por momentos únicos de risos intensos.

Ao grupo docente da Faculdade de Ceilândia, que organizou o curso de Saúde Coletiva instigando os estudantes a serem profissionais comprometidos e questionadores.

Por fim, agradeço a Deus, pois foi Ele quem me guiou ao longo da minha jornada colocando em meu caminho pessoas maravilhosas que estão envolvidas direta e indiretamente na efetivação de mais uma etapa conquistada em minha vida.

“Dizer que a participação direta, a ingerência dos grupos populares no processo da pesquisa altera a “pureza” dos resultados implica na defesa da redução daqueles grupos a puros objetos da ação pesquisadora, em consequência, os únicos sujeitos são os pesquisadores profissionais. Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta.”

(Paulo Freire, 2005, p. 35).

RESUMO

A integralidade da atenção à saúde é um dos princípios do SUS, mas apesar de ser regulamentada por lei ela ainda não foi efetivada. O serviço ainda é organizado de forma fragmentada e não consegue responder as necessidades dos indivíduos levando em consideração as dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Entretanto, paralelamente, existe a medicina popular, que consiste em certo número de práticas, englobando saberes subjetivos acerca do processo saúde-adoecimento-cuidado, vendo o sujeito em sua totalidade. Neste sentido, pretende-se compreender as práticas terapêuticas na perspectiva de Dona Flor, raizeira e parteira popular, moradora do Povoado do Moinho, no município de Alto Paraíso de Goiás sob a ótica da integralidade do cuidado. Dona Flor, batizada como Florentina Pereira dos Santos tem 74 anos. Utilizou-se como método de pesquisa a etnografia e a técnica observação participante, a fim de compreender a maneira de atuar de Dona Flor. Neste projeto, foi necessário reconstruir a biografia da terapeuta popular mediante entrevistas semi-estruturadas com foco em sua história de vida vinculada a sua terapêutica. Ocorre um descrédito do conhecimento popular por meio da medicina oficial que se situa como hegemônica e fisiopatológica descaracterizando os sujeitos como meros pacientes. Dona Flor, pelo contrário, assim como outros terapeutas populares, volta o olhar para o indivíduo, a fim de entender a causa de determinado sofrimento/adoecimento para estabelecer de forma coerente uma terapêutica, utilizando estratégias de promoção e prevenção da saúde. Para evitar o definhamento dessa sabedoria popular, Dona Flor realiza cursos, a fim de transmitir os ensinamentos sobre as ervas medicinais, sobre parto e outras temáticas relacionadas à saúde. A reflexão antropológica, no contexto da saúde coletiva, permitiu compreender o sentido de corpo, saúde e adoecimento e também a compreensão das práticas terapêuticas utilizadas por Dona Flor, que com perspicácia, efetiva um princípio ainda caro para o SUS.

Palavras-chave: Integralidade, terapeuta popular, SUS.

ABSTRACT

The integrality of healthcare is one of the principles of SUS, but despite being regulated by law it has not been honored. The service stills organized in a fragmented way and it can not meet the needs of individuals taking into account the biological, psychological and social dimensions. However, in parallel, there is a popular medicine, which consists by a number of practices, encompassing subjective knowledge about the health - illness - care process, seeing the person in its entirety. Considering this approach, this work intends to understand the therapeutic practices from the perspective of Dona Flor, herbalist and popular midwife, resident of the Povoado do Moinho in Alto Paraiso de Goiás from the perspective of comprehensive care. Dona Flor, christened Florentina Pereira dos Santos is 74 years old. The ethnography method and participant observation technique were used in this research, in order to understand how Dona Flor works. In this project, it was necessary to reconstruct the biography of the popular therapist through semi - structured interviews focusing on her life history associated to her therapy. The official medicine does not value the popular knowledge, acting in a hegemonic and pathophysiological way considering individuals as mere patients. In contrast, Dona Flor, like other popular therapists, takes care of individuals aiming to understand the cause of a particular illness/ suffering to establish an adequate therapeutic, using strategies of health promotion and prevention. To avoid wasting this popular wisdom, Dona Flor conducts courses in order to transmit her knowledge about medicinal herbs, childbirth and other subjects related to health. The anthropological reflection, in the context of public health, allowed understand the meaning of the body, health and illness and also the understanding of therapeutic practices used by Dona Flor, who wisely, put into practice the integrality, one of the principles that stills weak in SUS.

Keywords: Integrality, popular therapist, SUS.

LISTA DE SIGLAS

ABRASCO- Associação Brasileira de Saúde Coletiva

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS- Organização Mundial de Saúde

ProIC- Programa de Iniciação Científica

SUS- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Delineando o objeto de pesquisa.....	11
1 PARTE I: BUSCANDO E TRILHANDO O CAMPO DA PESQUISA.....	18
1.1 Caracterizações da área de estudo e sujeitos da pesquisa.....	18
1.2 Métodos e técnicas de abordagem.....	19
1.3 Percurso trilhado pela pesquisadora.....	20
1.4 Questões éticas.....	22
2 PARTE II: PERPASSANDO PELA HISTÓRIA LOCAL E PELA MEMÓRIA DA TERAPEUTA POPULAR.....	24
2.1 Contextualizando o lócus de inserção de Dona Flor.....	24
2.2 Nascimento de Dona Flor como uma terapeuta popular.....	30
2.3 Sincretismo religioso e liderança comunitária.....	35
3 PARTE III: “PREPARANDO A TERRA”	39
3.1 Atuação de Dona Flor como terapeuta popular.....	39
3.2 Ciclo de vida do cuidado: Estratégia popular de promoção e prevenção da saúde.....	45
4 PARTE IV: “FINCANDO RAÍZES”	48
4.1 Diálogo entre saberes distintos: Um compartilhamento necessário.....	48
4.2 Transmissão de saberes: A incessante caminhada de Dona Flor para perpetuar seu saber e prática.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
6 REFERÊNCIAS.....	65
7 ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO: Delineando o objeto de pesquisa

No Brasil, há vários sistemas médicos de atenção à saúde, os quais, nos termos de Ibáñez-Novión (2012), contam com diversos profissionais de saúde não-acadêmicos, mas que construíram suas praxes nos contextos sociais onde estão inseridos. Este trabalho pretende discutir a partir da história de vida de uma reconhecida terapeuta popular, moradora do Povoado do Moinho, no município de Alto Paraíso de Goiás, no estado de Goiás, como ela atua no cuidado à saúde de sua comunidade efetivando princípios caros ao Sistema Único de Saúde (SUS), como a integralidade na promoção e prevenção à saúde dos indivíduos.

Atualmente, temos uma política de saúde baseada no preceito constitucional de que a “saúde é direito de todos e dever do estado” (BRASIL, 1988, art. 196). Entretanto, nem sempre foi a assim, a maior parte dos brasileiros até a década de 1980 deveria ser responsável pelo cuidado com a sua saúde. O direito à saúde era voltado a uma pequena parcela populacional, isto é, aos trabalhadores que contribuíam para o Instituto Nacional de Previdência Social. De acordo com Albuquerque (2013), nesse contexto, somente os brasileiros vinculados ao mercado formal de trabalho e com carteira assinada tinham acesso à assistência médica da previdência social. As pessoas sem esse vínculo deveriam pagar pelos serviços médicos e hospitalares ou buscar atendimento em instituições filantrópicas, postos e hospitais de estados ou municípios. Diante do fato de a saúde não ser um direito garantido pelo Estado, os indivíduos deveriam ter a responsabilidade sobre sua saúde. Em resposta a um cenário de descaso em que não eram atendidas as necessidades de saúde da população, acadêmicos, profissionais da saúde, sindicatos, dentre outros grupos impulsionaram a realização da VIII Conferência Nacional de Saúde, 1986, que exigia saúde para todos, ou seja, o acesso à assistência a saúde pública não poderia ser excludente. Além disso, essa conferência lutava por um atendimento integral, que incluísse aspectos preventivos e curativos (BRASIL, 2006). Desse modo, essa força conjunta, reivindicando melhorias necessárias na área da saúde incitou a reforma sanitária no Brasil tendo como resultado a promulgação da Constituição Federal de 1988, que garantia a saúde como direito de todos, nascendo assim, o Sistema Único de Saúde, que mediante a lei orgânica da saúde, 8.080 de 1990, dispôs condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1990; BRASIL, 2006).

Diante desse novo quadro, a integralidade do cuidado passa a ser oficialmente um dos princípios desse sistema de saúde recém-chegado, o SUS. Entende-se por integralidade, segundo a lei 8.080, como: “[...] conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema”, ou seja, os sujeitos começariam a ser vistos de acordo com suas necessidades, afastando-se cada vez mais da perspectiva do modelo médico hegemônico, centrado na doença e aproximando aos pressupostos do modelo sistêmico ou holístico (BRASIL, 1990, art. 7, Inciso II). Assim, de acordo com Campos:

Segundo o conceito de integralidade, as pessoas são encaradas como sujeitos. A atenção deve ser totalizadora e levar em conta as dimensões biológica, psicológica e social. Este modo de entender e abordar o indivíduo baseia-se na teoria holística, integral, segundo a qual o homem é um ser indivisível e não pode ser explicado pelos seus componentes, físico, psicológico ou social, considerados separadamente (CAMPOS, 2003, p.577).

Logo, nesse novo sistema de saúde, a integralidade do cuidado está ligada à promoção e prevenção à saúde, pois:

A noção de integralidade diz respeito ao leque de ações possíveis para a promoção da saúde, prevenção de riscos e agravos e assistência a doentes, implicando a sistematização do conjunto de práticas que vem sendo desenvolvidas para o enfrentamento dos problemas e o atendimento das necessidades de saúde. A integralidade é (ou não), um atributo do modelo de atenção, entendendo-se que um “modelo de atenção integral à saúde” contempla o conjunto de ações de promoção da saúde, prevenção de riscos e agravos, assistência e recuperação (TEIXEIRA, 2011. p. 5).

As ações preventivas requerem uma antecipação, a fim de evitar o desencadeamento de determinada doença. Para isso, é necessário utilizar estratégias de promoção da saúde. O conceito de promoção da saúde foi discutido oficialmente, pela primeira vez, na Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em Ottawa, no Canadá, em 1986. Este conceito está atrelado a um contexto complexo e mais amplo, o qual deve observar os aspectos sociais e culturais dos indivíduos, a fim de atentar para as diferenças e singularidades existentes, em que não basta realizar uma apreciação meramente biologicista, voltada unicamente para

o funcionamento de determinada doença. É necessário lidar com a multiplicidade dos determinantes, características sociais, que regem a saúde dos sujeitos, pois saúde não é meramente ausência de doença, mas envolve um bem estar físico, mental e social, como defendida pela OMS, para garantir um ambiente saudável. Neste aspecto, deve-se dar autonomia e poder de decisão aos indivíduos tornando-os protagonistas, a fim de garantir qualidade de vida aos mesmos. (BRASIL, 2006; CAMPOS, 2003).

Contudo, conforme foi discutido anteriormente, apesar dos programas e serviços de saúde no Brasil terem como um dos princípios a integralidade, o qual deveria ser norteador da prática da medicina oficial¹ ainda observa-se o modelo de atenção à saúde biocêntrico e hegemônico que descontextualiza o sujeito e enfatiza os moldes fisiopatológicos para explicar um sofrimento/adoecimento. Por outro lado, paralelamente a este modelo, há outros utilizados e praticados por diversos segmentos da população brasileira, trata-se das medicinas populares, que não são orientadas por nenhuma política pública, mas conseguem com perspicácia a operacionalização da integralidade.

A medicina popular consiste em certo número de práticas que englobam saberes subjetivos acerca do processo saúde-adoecimento-cuidado vendo o sujeito em sua integralidade. Esta medicina popular garante o reconhecimento da totalidade do indivíduo, pois volta seu olhar para o sujeito em suas várias dimensões com o propósito de compreender os acontecimentos variados relacionados ao processo de saúde e adoecimento (LOYOLA 1983, OLIVEIRA 1984). Os terapeutas populares são raizeiros(as), parteiras, benzedores/benzedoras dentre outros, que operacionalizam esse saber e prática com a finalidade de prevenir ou curar, seja utilizando os artifícios das raízes e/ou das rezas e elevando sempre a coparticipação do sujeito no processo de cuidado.

¹ A medicina oficial ou medicina científica é aquela reconhecida oficialmente que detém um conhecimento técnico-científico.

Uma característica definidora das práticas populares de cura é o fato de não carecer de comprovações científicas para sua legitimidade, visto que, elas se fundamentam em seu próprio meio social, sendo criadas e reexaminadas nas particularidades empíricas que enredam determinado contexto social e simbólico (SILVA, 2007; BOURDIEU, 2011/1996). Além disso, essas práticas não podem ser definidas ou entendidas como cristalizadas ou paradas no tempo ou restritas ao seu universo, pois, como reintera Bourdieu (2011/1996, p. 14), “as noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas”. Por isso, a formação de um terapeuta popular insere-se em um processo de compartilhamento de saberes que, ainda de acordo com Bourdieu (*op. cit*), tal processo é um empreendimento coletivo. Dado isso, a maneira que se transmite essa sabedoria empírica é mediante o processo da oralidade, interligado a uma vivência, que caracteriza determinado lócus de inserção, unindo assim, os processos de observação, repetição e transmissão (MORAIS; JORGE, 2003). Mediante as representações e os discursos legitimados em determinado lócus social e simbólico se fundamenta o sujeito dotado de saberes e práticas. Portanto, outra característica definidora dos terapeutas populares é sua forma de transmissão oral, pautada pela orientação de outro terapeuta mais experiente, pela vivência em sua própria corporalidade dos processos de saúde e adoecimento e observação de outras corporalidades. No entanto, no que tange a essa iniciação, observa-se um crescente desinteresse - externalizado pela terapeuta popular sujeito desta pesquisa - de gerações mais novas em conhecer esses ofícios e serem introduzidas nessas práticas. Silva (2007), também, confirma que a transmissão desses saberes está ameaçada em parte pelo desinteresse dos mais jovens em aprender sobre os conhecimentos dos grupos populares. Os/as raizeiros/as, parteiras, benzedeadas/benedores entre outros, que fazem parte desse lócus popular, são em sua maioria os mais idosos que se tornam os guardiões do conhecimento popular referido. Tomando como pressuposto essa afirmativa, é possível inferir que o saber popular vive um processo de deslegitimação, o que revela um silenciamento dos saberes subjetivos, os quais se encontram no confronto entre dois polos - o saber oficial e o saber popular.

Com relação a esse confronto, Bourdieu (2011/1996) argumenta que há uma questão política e ideológica no que se refere ao saber e a cultura, visto que são criadas hierarquias entre diferentes grupos, em que de um lado situa-se os detentores do saber científico e no outro extremo do polo, os populares, desprovidos de conhecimento técnico-científico. Esta perspectiva hegemônica e legitimadora acaba impedindo a transmissão dos saberes. Esse é um processo gerador de análises críticas das Ciências Sociais no âmbito da Saúde Coletiva e que se justifica como um problema a ser pensado. De acordo com Carneiro da Cunha (2009), vive-se um período de mudanças extremas, onde a particularidade e a cultura de um povo não são respeitadas e valorizadas ocorrendo uma “quebra” na linha de transmissão deste saber/fazer sensibilizado. Na Saúde Coletiva, é crescente a crítica ao processo que anula e silencia a existência desses grupos sociais, pois esses são vistos como complementares e sujeitos atuantes de uma determinada realidade social. Segundo o documento da ABRASCO, 1982 (apud NUNES 1994), a Saúde Coletiva deve atuar forma reflexiva nos diferentes contextos sociais, levando em consideração o biológico, o social e cultural, pois a Saúde Coletiva é definida como:

Um processo gerador de análise crítica do setor saúde na realidade social em que se insere. Além de estabelecer um adequado equilíbrio entre os conteúdos técnicos e teórico conceituais, entre o "biológico" e o "social", entre o "operacional" e o "crítico", como forma de evitar o "tecnicismo" e o "biologismo" presentes na tradição do ensino da área (pp. 10-11).

Esta monografia final de curso tem como objeto o tema medicina popular, o qual está inserido em projeto de pesquisa amplo denominado “O sistema médico de terapeutas populares no DF e na região do entorno”, orientado pela professora Silvia Maria Ferreira Guimarães, e foi objeto de trabalho no Programa de Iniciação Científica (ProIC) da UnB em 2012-2013. Este trabalho está baseado nas premissas das Ciências Sociais na Saúde Coletiva, o qual pretende compreender por meio do método etnográfico e da técnica de observação participante as práticas terapêuticas na perspectiva de Dona Flor, raizeira² e parteira³, moradora do Povoado do Moinho

²Raizeiros(as) são pessoas que conhecem e sabem manipular plantas, ervas, cascas de árvores, raízes com o intuito terapêutico (LOYOLA, 1984).

³ Parteira detém conhecimento sensibilizado sobre o parto e corpo (op.cit).

em Alto Paraíso de Goiás, sob a ótica da integralidade do cuidado. Objetiva-se, também, analisar as representações sociais advindas do contexto da terapeuta, vivida e pensada por ela, sobre seu ofício suas noções de saúde-adoecimento e terapêutica. Nesse sentido, pretende-se observar a apreensão ou entendimento da realidade para a Dona Flor, bem como da observância do processo que envolve o tratamento no que se refere à simbologia, sentidos e sensações, usadas para perceber o mundo. Pretende-se, também, compreender a relação que mantém com outros agentes de saúde da medicina oficial. Outra questão deste estudo é compreender o processo de transmissão de saberes de um terapeuta para outros sujeitos, isto é, como se forma um terapeuta popular, como esse passa os conhecimentos sobre plantas medicinais e outras terapêuticas. Por conseguinte, visa analisar como se efetiva essas práticas médicas diversas, como elas se legitimam em determinado universo e são usadas ao mesmo tempo em que o processo de transmissão deste saber/fazer pode estar ameaçado. Além do disposto, este trabalho, visa refletir sobre a efetivação da integralidade do cuidado nas práticas médicas atuais. É importante salientar que não se tem a pretensão de fazer um apanhado das receitas terapêuticas utilizadas por Dona Flor, mas sim fazer reconstrução da sua experiência de vida e sua forma de atuar cotidianamente, que a permite observar o sujeito em sua totalidade, conforme veremos mais adiante.

Para abarcar estes objetivos a pesquisa seguirá um fio de sucessão cronológica, a fim de atribuir um sentido coerente à unidade de uma narrativa totalizante de Dona Flor. Por isso, este trabalho será organizado em quatro partes, que por sua vez serão divididas em seções:

- Na primeira parte, será delineado o percurso metodológico, caracterizando a área de estudo, o sujeito da pesquisa, método de pesquisa, caminho trilhado pela pesquisadora para efetivação do estudo e, por último, as questões éticas;
- Na segunda parte, serão analisadas as representações sociais, contextualizando o lócus de inserção de Dona Flor; nascimento de seu saber e prática; discutindo também o sincretismo religioso e liderança comunitária como uma das características da terapeuta;

- Na terceira parte, será apresentado o modo de atuar de Dona Flor englobando as práticas totalizantes relacionadas a parto e a raízes; estratégias de promoção e prevenção para o homem, para a mulher e para a criança;
- Na quarta parte, será discutida a complementaridade entre o saber técnico-científico e o saber popular, finalizando com o processo de transmissão de saberes e as técnicas utilizadas para manutenção do conhecimento popular.

1 PARTE I: BUSCANDO E TRILHANDO O CAMPO DA PESQUISA

1.1 Caracterizações da área de estudo e sujeito da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no Povoado do Moinho, comunidade localizada a 12 km da cidade de Alto Paraíso, em Goiás. A cidade de Alto Paraíso faz parte do município de mesmo nome, no estado de Goiás, o qual está localizado a 230 km de Brasília-DF, possui 2.593,905 km² de extensão territorial e 6.885 habitantes (IBGE, 2010). O município mantém moldes predominantemente tradicionais da agricultura e pecuária de pequena escala. De acordo com Souza e Felfili, esse município foi estabelecido há alguns anos, porém ainda se mantém sem muito acesso a facilidades tecnológicas (2006). O pequeno Povoado do Moinho faz parte da área rural, tem cerca de 500 habitantes, em uma estimativa não oficial, e ainda conserva aspectos característicos de pequenos povoados e cidades interioranas, onde o conhecimento popular vigora. Ao mesmo tempo, após os anos de 1960 e o movimento da New Age, Alto Paraíso foi sinalizado por segmentos como um local especial para vivência de suas práticas religiosas e espirituais. Assim, coexistem, em Alto Paraíso e no Povoado do Moinho, práticas populares de cura e de outras espiritualidades (ATTUCH, 2006).

Esta pesquisa foi desenvolvida somente com um sujeito, pois segundo Goldenberg (2011) é possível captar ou compreender de forma substancial a singularidade e a subjetividade que cerca o indivíduo mediante uma descrição densa sem necessidade de estar preso a uma expressividade numérica. Logo, a pesquisa foi realizada com a raizeira e parteira, Dona Flor, (Florentina Pereira dos Santos) de 74 anos, moradora do Povoado do Moinho desde 1968, nascida na fazenda Santa Rita, cerca de quatro quilômetros do Povoado. A escolha de Dona Flor para realizar esta pesquisa se deu devido a sua preocupação com a dinâmica da transmissão de valores sociais e por contemplar o sujeito como um todo, em uma perspectiva integralizadora do cuidado. Além disso, Dona Flor é uma profunda conhecedora de plantas medicinais e sobre partos, reconhecida por seus familiares, vizinhos, além dos moradores recentes de Alto Paraíso e também por muitas pessoas de localidades distintas. Sendo assim, ela realiza cursos sobre saúde da mulher e do

homem para um público diverso, o qual não é composto de pessoas da comunidade onde vive ou pessoas de classe popular. Mas, esses cursos de curta duração, aproximadamente de três dias a quatro dias, são pagos e a um valor relativamente alto, demonstrando o novo nicho onde se insere Dona Flor e por onde passou a transmitir o seu saber/fazer. Então, inserida em novos contextos de cuidado e de relações sociais, este trabalho optou por reconstruir a história de Dona Flor e de sua rede de sociabilidade com o intuito de compreender como ela efetiva a integralidade do cuidado ao sujeito.

1.2 Métodos e Técnicas de abordagem

O presente estudo utilizou como método de pesquisa a etnografia, a fim de compreender a maneira de ser/estar/atuar da terapeuta popular. A pesquisa etnográfica não se limita em reconhecer somente o indivíduo como tal, mas sim como um integrante de seu mundo sociabilizado, ou seja, leva-se em consideração um universo amplo e complexo de relações sociais, políticas, econômicas, domésticas e cosmológicas. Neste sentido, teve como foco as subjetividades e as práticas culturais, centrando na hermenêutica de leitura de mundo dos sujeitos (GODELIER, 2004 apud TRAD, 2012; MINAYO, 1998).

Para submergir neste contexto, foi necessário utilizar a técnica observação participante ao se estar presente no cotidiano que enreda Dona Flor para vivenciar a realidade social e compreendê-la em seu contexto (MINAYO, 1993). Seguindo orientação de Malinowski sobre o fato de que as fontes documentais da etnografia “não estão incorporadas a documentos fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos” (1978, pp. 18-19), o trabalho de campo compreendeu observar e analisar Dona Flor exercendo seu ofício como terapeuta.

Desse modo, pretende-se fazer uma “descrição densa” do universo de Dona Flor, a partir de sua visão de mundo com o intuito de compreender tanto o pensado como o vivido por ela como terapeuta popular. Para tanto, essa visão de mundo deve ser analisada de maneira transversal para, de forma coerente, compreender a totalidade da série de vivências/experiências interconectadas socialmente (GEERTZ, 1989;

MANNHEIM,1980). A vida social e cultural, que circunda o sujeito é vista em sua totalidade, respeitando a tríade que fundamenta a pesquisa etnográfica, que é pautada por um *olhar* e um *ouvir* apurado e sensibilizado para resultar na prática da *escrita*, isto é, análise dos dados. Expressando assim, situações particulares, revelando valores, comportamentos, modos de vida e visões de mundo diferentes, resultando em uma apreensão holística (LÉVI- STRAUSS, 1993; OLIVEIRA, 2006).

Neste trabalho, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas sobre temas que se referem a sua terapêutica e noções de corpo, de bem estar, de saúde e adoecimento. Além disso, com o intuito de compreender a formação da terapeuta popular, foi necessário ter o relato biográfico para analisar o ser/estar/atuar de Dona Flor. A técnica da reconstrução da história de vida é um instrumento complementar a entrevista semi-estruturada, que permite uma maior aproximação da realidade do informante devido ao processo de exaltação de valores e emoções (MINAYO, 2004).

A reconstrução biográfica está respaldada segundo Bourdieu:

[...] na preocupação de atribuir sentidos, de encontrar a razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma inconsistência e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapa de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2011/1996, p. 75).

Para ter uma boa coleta de informações, foi realizado um roteiro guia de perguntas norteadoras. Visto que, as entrevistas semi-estruturadas não seguem estruturas rígidas, ao contrário permitem a abertura e observação das circunstâncias da entrevista. Logo, permite maior permeabilidade ao sujeito de pesquisa devido a uma maior liberdade e subjetividade não sendo condicionadas a padronização de alternativas (MANZINI,1990; MINAYO, 2004). As informações foram registradas com o auxílio do gravador de voz e/ou transcritos no momento das entrevistas.

1.3 Percurso trilhado pela pesquisadora

O estudo, como já frisado, obteve um respaldo etnográfico e foi trilhado por três essenciais momentos (olhar, ouvir e escrever) que se relacionam entre si, conforme

proposto por Oliveira (1998). Então, a priori, foi realizado um levantamento bibliográfico para melhor aproximação ao tema, evidenciando discussões de diversos autores sobre os terapeutas populares e a operação de seus saberes e práticas. Para tanto, foram selecionados alguns estudos referentes aos seguintes assuntos: representações sociais, medicina popular, sobre o processo de divulgação, transmissão e de manutenção desse saber/fazer, cultura popular, integralidade, entre outros. Após fazer esse apanhado bibliográfico foi feita a escolha do sujeito da pesquisa e, também, foi estruturado o primeiro roteiro guia de questões, para servir de auxílio norteador, a fim de ter uma compreensão inicial de quem é esse sujeito.

O segundo momento compreendeu as saídas para o campo no Povoado do Moinho. Essas aconteceram durante feriados prolongados e finais de semana sendo iniciadas em dezembro de 2012 e finalizada em setembro de 2013, as cinco entrevistas ocorreram na casa de Dona Flor e os cursos aconteceram em casas de amigas vizinhas da terapeuta que tinham capacidade de hospedar os participantes. A escolha dos locais para as entrevistas foram feitas por ela, aconteceram no quintal de sua casa onde ficávamos circundadas por plantação de ervas medicinais, flores e pelo cantar dos pássaros.

Esse momento etnográfico trilhado pela pesquisadora com alicerce na observação participante permitiu compreender parte do saber/fazer de Dona Flor e caracterizou-se por uma série de experiências para a pesquisadora. Essas foram conhecer o sincretismo religioso que marca a região de Alto Paraíso, ter conversas informais com Dona Flor, uma reconhecida terapeuta popular na região, realizar cinco longas entrevistas e em profundidade, além da participação em dois cursos dados pela mesma terapeuta, um sobre ensinamentos populares sobre parto e nascimento e outro sobre saúde do homem. A importância deste deslocamento de ir ao encontro de Dona Flor, ver como vive, onde vive e como atua, tornou-se parte fundamental do meu aprendizado como sanitarista, pois foi possível ter com ela reflexões sobre os serviços de saúde e sobre noções de cuidado à saúde em contextos populares.

Os cursos ministrados por Dona Flor contam com o apoio de algumas pessoas que se interessam pelo seu saber ajudando-a na divulgação de seu conhecimento por meio de um método não tão convencional de transmissão de conhecimento popular. Trata-se de oficinas, que, hoje, são denominadas de “Vivências com Dona Flor” iniciadas em 2003. Essas vivências tiveram uma programação de atividades estruturadas previamente, elaboradas conjuntamente por Dona Flor e seus organizadores. Nessas vivências, foi possível ter a oportunidade de, por meio da narrativa de Dona Flor, conhecer um pouco do bioma cerrado, das ervas medicinais do cerrado ao “ir para o mato”, como afirma Dona Flor, participar de simulações de parto e também do processo de produção de uma garrafada. Tanto nas entrevistas, como na participação nas Vivências e em outros momentos foi possível observar como Dona Flor atua como terapeuta popular em sua vida cotidiana. Um diário de campo e um gravador foram mantidos para dar conta das observações feitas ao longo do processo. É importante salientar que esta pesquisa conta com relatos de seu filho Wilson, 47 anos, que começou a ajudar a mãe a ministrar os cursos sobre ervas medicinais, recentemente e também de sua filha mais velha, Zita.

Por fim, o terceiro momento compreendeu a análise das memórias de Dona Flor registradas em entrevistas que foram degredadas/transcritas, na íntegra, com mais de quinze horas de transcrição. Além das entrevistas, há o diário de campo e outras anotações de observações feitas em campo. Ao longo desse processo de análise foram formulados novos roteiros com novas questões, a fim de compreender de forma substancial a complexidade dos significados que circunda a realidade de Dona Flor. Finalmente, foi produzido o trabalho escrito consolidando os dados coletados ao longo da pesquisa. Muitas histórias que Dona Flor compartilhou com a pesquisadora serão apresentadas em sua completude, com a finalidade de não perder pontos essenciais de simbologias e significados do seu modo de ser/fazer.

1.4 Questões éticas

É importante frisar que essa pesquisa não passou pela apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tendo em vista que faz parte de um projeto mais amplo o qual teve seu trabalho de campo iniciado em 2010. A escolha de não passar por um

CEP foi por se tratar de uma pesquisa feita com terapeutas populares, os quais muitos não dominam a escrita e com quem se estabelece uma ética de trabalho de campo baseada nos preceitos éticos e convivência desses terapeutas. Essa ética é negociada a todo o momento em campo por meio de uma relação dialógica e da imersão no universo dos sujeitos. Esses devem aceitar o pesquisador em suas casas e os mesmos estabelecem os vínculos necessários para que a pesquisa aconteça. Neste sentido, obteve-se um consentimento dos sujeitos colaboradores bem como foi esclarecida a finalidade da pesquisa ao longo de todo o processo. Para as gravações e uso das mesmas neste trabalho, foi realizada uma conversa com Dona Flor que permitiu a presença de gravadores. Nas oficinas, foi exposto a todos os participantes que a pesquisadora estava realizando uma pesquisa sobre o conhecimento popular de Dona Flor e que essa vivência seria gravada, caso houvesse permissão de todos os participantes, a fim de alcançar uma livre manifestação da vontade pessoal, da voluntariedade e da liberdade. Não será atribuído pseudônimo para terapeuta popular, visto que ela é uma pessoa bastante conhecida na região e em outras localidades e pelo mesmo motivo, será mantido o nome de seu finado marido, Donato. Os nomes dos dois filhos, Wilson e Zita, serão mantidos, pois além de serem conhecidos permitiram citá-los. Nas falas degravadas, Dona Flor, às vezes, cita nomes de outras pessoas, para esses foram atribuídos pseudônimos.

2 PARTE II: PERPASSANDO PELA HISTÓRIA LOCAL E PELA MEMÓRIA DA TERAPEUTA POPULAR

2.1 Contextualizando o lócus de inserção de Dona Flor

Para compreender o saber/fazer de Dona Flor, é necessário (re) construir o contexto social onde se insere essa terapeuta, visto que não se explica o modo de ser e fazer ou o *habitus*⁴ sem conhecer o contexto social. Portanto, nesta seção pretende-se analisar a realidade social e as relações sociais mantidas por Dona Flor, os momentos extra-ordinários e os ordinários onde se insere a figura da terapeuta popular. Será feito um estudo das representações sociais sobre o ofício desta terapeuta e da rede de sociabilidade onde se insere. Pretende-se compreender o porquê desse modo de agir, pensar e atuar de Dona Flor, em suma, por meio do estudo das representações sociais, que consiste na “reprodução e uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento” (MINAYO, 2011, p. 73), a fim de mapear ou trilhar o caminho de formação dessa terapeuta reconhecida.

Dona Flor nasceu no estado de Goiás, o qual foi marcado historicamente por um processo de segregação racial. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, foi incentivada a exploração de minérios no estado, o qual era uma grande região aurífera. Essa exploração foi realizada, inicialmente, por meio do trabalho forçado de indígenas e posteriormente por africanos escravizados, mediante uma política de povoamento, que incentivou a navegação desses indivíduos pelos rios Araguaia e Tocantins (LEITE, 1991; UDRY, 2001 apud ATTUCH, 2006). Porém, essa atividade que era rentável na região passou a não ser mais devido às práticas de exploração, que desencadearam a erosão das margens dos rios, dificultando a exploração do ouro. Então, em fins do século XVIII e início do século XIX, com a dificuldade em dar sequência à exploração aurífera, o estado de Goiás passou a se dedicar às

⁴ Os *habitus* são definidos e exemplificados por Bourdieu (2011, p. 22) como, “[...] princípios geradores de práticas distintas e distintivas, o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e divisão e gostos diferentes”.

atividades pecuárias e agrícolas. Até então, na região prevalecia uma população negra e indígena, mas ao longo do período colonial esse cenário foi se modificando devido à vinda de europeus da metrópole para a colônia (ALBUQUERQUE, 1998; BAIOCCHI, 1983 apud ATTUCH, 2006).

A mudança de segmentos econômicos, a transição rápida entre o período escravocrata para trabalho livre, a construção da teia ferroviária no Sul de Goiás colaboraram para a vinda de grileiros e especuladores para a região. O ano de 1950 foi marcado pelo surgimento de novos municípios na região. O município Veadeiros foi um deles - denominado assim devido à prática predatória de caça de veados - que foi gradativamente obtendo maior visibilidade e, em 1963, o nome que batizava o município foi substituído pelo nome Alto Paraíso de Goiás (ATTUCH, 2006). Em meio à construção e inauguração da capital do país, a prática exploratória da fauna local tornou-se evidente e as disputas de terras em Alto Paraíso, também. Para impedir que qualquer mal-estar respingasse no novo polo político-administrativo, Juscelino Kubitschek, na década de 1960, criou doze Parques Nacionais, os quais seriam unidades de conservação. Essa medida ambientalista modificou o cenário da região com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A proibição total da caça e da coleta no bioma cerrado levou a um acirramento da situação de pobreza das camadas populares (ATTUCH, 2006).

Outros movimentos ambientalistas serviram para fomentar a preservação ambiental ao longo da década de 1960, 1970 e 1980. Essa ideia de preservação e o cenário de belezas naturais do cerrado incentivaram a vinda de grupos místicos, os quais têm suas filosofias atreladas à concepção de natureza e também à espiritualidade. De acordo com os diversos integrantes desse movimento espiritualista, Alto Paraíso está situado no paralelo 14, o mesmo que atravessa a lendária cidade de Machu Pichu, no Peru. Além disso, o caráter místico do município, também, é devido às histórias de disco voadores e extraterrestres que visitam o local (ATTUCH, 2006; IBGE, 2011).

Esses processos socioculturais contribuíram para que Alto Paraíso fosse gradativamente sendo habitado por grupos religiosos diversos. Segundo o IBGE (op. cit), em Alto Paraíso, estão instalados 40 grupos místicos filosóficos e religiosos. Dona Flor atua em meio a essa diversidade de grupos que convivem na região. O Povoado do Moinho, onde vive Dona Flor, situa-se a doze quilômetros de Alto Paraíso e, segundo a observação de Attuch (op. cit), tem maior concentração de afrodescendentes comparados ao restante do município de Alto Paraíso. Também conta com a presença de moradores místicos que vieram atraídos por questões espirituais para a região. Foram esses moradores, que me acolheram nos pernoites em que lá passei, nos horários de refeição e trocas com os participantes das “Vivências com Dona Flor”.

O pequeno Povoado dispõe de uma escola municipal em que se instrui até a sétima série do ensino fundamental, de uma Unidade Básica de Saúde, uma igreja católica, em que não se realiza mais missas. Há, também, uma igreja evangélica, religião que passou a ser predominante do povoado há mais ou menos dez anos, um bar e um pequeno mercado. No quesito turismo, existem duas propriedades privadas onde é possível contratar guias para conhecer os rios e as cachoeiras da região e há ainda uma pousada (ATTUCH, 2006).

Apesar da migração de grupos diversos, Attuch (op. cit) em seu estudo relata que antigos problemas ainda permanecem no Povoado, no qual um deles é a ausência de transporte dentro dos perímetros rurais que os liguem ao núcleo urbano de Alto Paraíso. Esse fato apresentado, em 2006, por Attuch ainda é uma realidade que incomoda muito os moradores do Povoado do Moinho, os quais ainda enfrentam essa ausência. Outro problema é a precariedade do setor de Saúde Pública, pois a população do Povoado não dispõe de nenhuma farmácia alopática⁵, existe uma Unidade Básica de Saúde, mas essa não se encontra em funcionamento. Então, quando há necessidade de se recorrer a procedimentos terapêuticos esses são obrigados a se deslocarem para Alto Paraíso ou procurarem a única terapeuta

⁵ Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, alopátia consiste em um “sistema ou método de tratamento em que se empregam remédios que, no organismo, provocam efeitos contrários aos da doença em causa”, esses remédios são sintéticos.

popular da região. Dona Flor, que tenta suprir as necessidades de saúde desse grupo fazendo consultas, dispondo de seus medicamentos naturais e referenciando-os para o atendimento médico oficial.

Florentina Pereira dos Santos nasceu no dia 2 de fevereiro de 1938. Hoje, aos 74 anos, conhecida como Dona Flor, é uma senhora negra, magra e sorridente. Nasceu na fazenda de Santa Rita, próxima ao Povoado do Moinho, onde mora desde 1968 em uma casa simples, aparentemente aconchegante, de teto baixo e fachada cor de rosa. Com seu finado marido, Seu Donato e seu único esposo, falecido há um ano, teve 18 filhos, dos quais criaram 13. Dona Flor e o seu marido, inicialmente católicos, eram assíduos e bastante envolvidos nos projetos da igreja. Dona Flor, hoje, frequenta a única igreja do Povoado, que é uma igreja evangélica e por meio de suas falas mostra muito temor a Deus. Dona Flor é analfabeta e detentora de conhecimentos populares, principalmente, relativos a ervas e ao ato de partejar, tendo realizado 315 partos. Realiza consultas em sua casa, onde tem um lugar reservado para sua farmácia, composta de medicamentos naturais a base de ervas, preparados pela terapeuta. E, também, dispõe de uma sala para suas consultas e intervenções. Dona Flor hoje não realiza mais partos, mas se autodenomina professora. Continua manipulando as ervas e cuidando da comunidade e das pessoas que a procuram.

O pai de Dona Flor era baiano e sua mãe nasceu nas proximidades de Alto Paraíso. Dona Flor nasceu sem ajuda de parteira, relata que sua mãe teve só uma “dor no pé da barriga” e ela nasceu. Dona Flor começou a trabalhar com oito anos de idade para ajudar no sustento de sua família, enquanto sua mãe ficava em casa cuidando dos seus onze irmãos, fazendo artesanato, costurando e tecendo. Enquanto isso, Dona Flor saía para trabalhar, passava a semana fora, dormindo na casa dos patrões. Ela trabalhava em uma fazenda próxima, arrancando feijão, fazendo rapadura e cuidando da cozinha. Ela, também, cuidava de crianças e era costureira, fiava algodão, terciava e tingia - práticas que aprendeu com sua mãe. Segundo a mesma:

Eu ajudei a criar todos os meus irmãos, igual minha filha mais velha, a Zita. Eu só não ficava em casa pra ela trabalhar e Zita ficava. Porque eu não tinha coragem. Eu falava pra ela: 'A senhora fica em casa, vai fiar seu algodão, cuidar dos seus filhos e eu vou trabalhar, eu vou ajudar a senhora'. Eu fui a primeira mulher que minha mãe teve, o primeiro filho foi homem.

Em nossas manhãs e tardes de conversas, Dona Flor relatou que por ter começado a trabalhar cedo ela não teve infância, ela contou que não teve tempo para aproveitar as fases da vida. Segundo Dona Flor:

Eu não tive infância, eu não lembro, só trabalhando, eu não tive infância não, eu não tive adolescência, pra mim nem jovem eu fui. Eu não brincava de boneca, eu não tinha tempo. Porque era assim eu trabalhava pra ajudar minha mãe a sustentar meus irmãos. Eu comecei a trabalhar eu tinha oito anos, trabalhar para os outros. Eu já ia pra roça arrancar feijão, carregar arroz. Eu lembro que meu tio me colocou pra tocar boi, porque a gente moía cana era no boi.

Dona Flor mudou para um local próximo ao Moinho chamado Campo do Meio, quando tinha onze anos de idade, pois segundo ela lá onde eles moravam não tinha escola, era um local que "só tinha mato". Conforme Dona Flor:

Nesse tempo lá em Alto Paraíso não era Alto Paraíso era Veadeiros. Então, tudo tinha que ser lá. Os dois motivos pra eu sair do mato pra vir pra cá foi a escola, porque eu falava pros meus pais que eu queria estudar e meu pai não pensava em estudo, meu pai era analfabeto, minha mãe era analfabeta. Mas eu falei pra eles: 'Eu não quero ser nem torta nem aleijada eu quero ir pra escola e se vocês não deixarem eu ir pra escola eu vou embora pra casa dos outros, mas eu vou pra escola'. Aí nós viemos, deram terreno ali no Campo do Meio, a gente morou fez uma casinha de palha e morou. Eu entrei na escola com treze anos de idade e depois de seis meses eu não estudei mais. Porque quando eu tava com 11 anos de idade meu pai começou a ir para os garimpos e abandonar minha mãe e aí eu fiquei naquela luta, tive que trabalhar pra ajudar ela. Aí comecei a cuidar dos filhos dos outros, eu cuidava de quatro meninos pequenos, que as mães não davam conta de criar, eu auxiliava na cozinha, a lavar louça, fazia tempero, catava feijão, catava arroz, eu varria os terreiros, eu lavava queijo, em troca de roupa, sapato e comida para eu levar para os meus irmãos.

Enfim, Dona Flor, em 1968, mudou-se para o Povoado do Moinho, para sua casa própria. Nessa época já era casada com seu Donato. Ela se casou com 19 anos e ficou casada cinquenta e seis anos. Ele faleceu em 2012, com oitenta anos de idade. Ela não soube dizer ao certo qual a causa de seu falecimento, mas especula que foi por conta de bebida alcoólica. Dona Flor conheceu seu Donato em uma

fazenda onde trabalhavam juntos: “ele capinava, garimpava e roçava e eu cozinhava, ajudava a lavar roupa”. Ela tinha treze anos de idade quando o conheceu eram amigos e depois de cinco anos começaram a namorar. Dona Flor, em nossas conversas, relata que ainda sente muita falta de seu finado marido, o qual ajudava em sua prática de raizeira, mas que já está conformada, pois segundo a mesma:

Eu sinto muita falta dele ainda, às vezes, choro quando olho pra foto dele. Quando ele morreu, eu já acordava chorando, mas eu tive que ter em mente que eu tinha que me recuperar porque eu tenho outras pessoas para cuidar. Então eu não podia ficar chorando pelos cantos. Eu sei que ele está em um bom lugar.

Dona Flor e seu único marido tiveram 18 filhos, sofreu aborto de quatro e perdeu uma de suas filhas, que morreu com dois meses de idade. Todos os seus partos foram feitos por ela mesma. Dona Flor tem 27 filhos adotivos e foi mãe de leite de mais de 45 crianças, tem mais de 20 netos, 10 bisnetos e um tataraneto. Ao perguntar o que é família e o que a família significa para Dona Flor ela fala:

Família pra mim é muita coisa, família pra mim simboliza um projeto. É um projeto de produção. É um projeto que tem muita honra, muita luta, tem que ter muita humildade, muito amor, muita união desde o começo. Tem que ter muito conhecimento com as histórias da vida. A minha família significa pra mim como se fosse construir uma casa, é uma construção, pelo pouco entendimento que eu tenho é isso. Nós construímos uma casa colocamos porta, colocamos isso, colocamos aquilo. Assim, eu coloco no lugar os meus filhos, minha família, meu marido. Então eu acho que a família ela é um projeto que tem que ser muito bem cuidado, não tem que ter discriminação, não tem que ter racismo. A família tem muito detalhe, o que eu dou pra um eu quero dar pra todo mundo. A família é uma casa, é um lar todo mobilhado e bem cuidado, se você tem um móvel e não cuida dele ele fica empoeirado, ele fica sujo, ele fica sem valor. É como o filho da gente, como uma nora que também é filha. Família pra mim não pertence só os filhos, a nora, o genro, tudo pra mim é família. Seja a família o tamanho que for, mas ela tem que ser cuidada. A família é um projeto que só tem que crescer, entra nora, entra genro, nasce um neto, um bisneto. Porque projeto não é assim?! Você faz um projeto e esse projeto dar outro projeto e vai crescendo igual a família. Você já percebeu isso?! Isso é família.

Dona Flor, atualmente, mora somente com um de seus filhos, Wilson, que tem 47 anos, o qual se interessa muito pelas ervas medicinais, e a poucos metros da casa de Dona Flor mora sua filha mais velha, Zita, que ajuda a mãe nos afazeres domésticos como lavar roupa e limpar a casa. Esse contexto social da vida de Dona

Flor é marcado pela dinâmica do meio rural ou campesinato, onde as relações familiares, de vizinhança e compadrio vigoram. Essas relações estão baseadas em uma rede de solidariedade, são marcadas pela reprodução familiar, com modos específicos de gerir a herança, a sucessão e a socialização dos filhos (WELCH et al. 2009). O Povoado do Moinho se remete a um coletivo rural ou bairro, conforme definição de Cândido, a unidade por excelência da socialidade campesina, isto é, uma rede ampla de solidariedade ligando os moradores de uma vizinhança uns aos outros e contribuindo para a sua unidade territorial (2009). A rede de solidariedade que marca o campesinato reúne vizinhos que prestam serviços em colaboração além de festejos religiosos que reúnem o coletivo. No entanto, Moinho passou por algumas mudanças, não há a configuração de sítios, as pessoas não trabalham em suas terras, mas em fazendas, casas e pousadas de outros. Além disso, os festejos populares que marcam o catolicismo popular e o contexto rural, agora, reduziu-se com a introdução de uma igreja evangélica, como já falado, única igreja do Povoado. Mesmo com essas mudanças, a dádiva e contra-dádiva, ou melhor, o dom de dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974) ainda pautam as relações sociais e os atos de partear e como cuidadora de Dona Flor. No entanto, ao mesmo tempo, a terapeuta também está inserida em outra lógica como das oficinas onde as pessoas pagam uma quantia alta para fazerem cursos com a mesma.

2.2 Nascimento de Dona Flor como uma terapeuta popular

As(os) terapeutas populares são sujeitos cognoscentes que detêm conhecimentos acerca do processo saúde-adoecimento-cuidado. Esses sujeitos dominam um conhecimento que se articula diretamente no processo saúde-adoecimento visando o completo e o complexo cuidado, estabelecendo vínculo entre eles e o agente que receberá o cuidado. No caso dos terapeutas populares, a formação e o nascimento do saber/ fazer se dá por meio de uma rede de sociabilidade onde eles se inserem, em uma relação dialógica estabelecida entre o sujeito e o cuidador. Além de uma observação acurada sobre o seu corpo, os corpos de outros e sobre o meio ambiente. Assim, Dona Flor relatou que em sua vida toda ela “cavou terra”. Afirma que sua sabedoria adveio da necessidade de vivenciar o cuidado, pois, no início, não havia outras fontes a se recorrer a não ser o que natureza proporcionava. Marca a narrativa dessa terapeuta sobre o início do ofício, a necessidade, a situação

inesperada, que a força a atuar; ao mesmo tempo, afirma que observava outros atuarem, que agia conforme indicações e sinais que os sujeitos e os seus corpos apresentam, fazendo uma leitura desses. Conforme Dona Flor:

Ninguém passou isso para mim. Da minha família só minha tia era parteira, que também tinha meu nome. Então eu não sei como aprendi. Acho que aprendi com a necessidade familiar, porque eu só morava nos matos, eu não conhecia médico, não tinha médico, não tinha farmácia alopática, só tinha as ervas, só tinha os matos, só tinha os bichos. Então, às vezes, eu ia a algum lugar, via uma erva e tinha aquela intuição com ela e eu falava vou levar pra casa, levava, lá eu tinha o maior cuidado, botava para secar e guardava. O dia que eu sentia algum movimento diferente daquele que já tinha sentido, eu ia lá fazia um chazinho ia lá e bebia. Primeiro eu bebia, porque toda vida eu tive medo de matar os outros. Aí se era uma febre, uma dor de cabeça, uma tosse e curava aí eu marcava, isso aqui é para isso.

Nesse mesmo aspecto, Bourdieu (2011/1996, p. 63) relata que a orientação para determinado agir, pensar e atuar além de outros fatores, depende prioritariamente de um “sistema de possibilidades que são oferecidas pela história e que determinam o que é possível e impossível de fazer ou de pensar em um dado momento do tempo, em um campo determinado”. O contexto social de Dona Flor a fez uma terapeuta com noções de saúde-adoecimento, etiologia e terapêutica compartilhadas por seu grupo social. Dona Flor relata que sua avó manipulava algumas ervas, afirma que aprendeu a fazer alguns chás a observando:

Eu toda vida eu fui raizeira, não adianta. Eu cuidava dos meus filhos com remédio que eu fazia. Eu ia lá no mato e eu plantava. Eu fazia o chá e dava. [...] Minha avó fazia chá de sabugueiro, chá de capim de cheiro, fazia chá de poejo, esses chás caseiros, mas minha mãe não era muito remedeira não, tudo dela ela gostava de coisa na pinga, casca de pau na pinga pra beber. Minha avó sabia de remédio, mas não sabia o que eu sei. Eu só observava o que minha avó fazia. Menino tava com febre alta, ela ia lá fazia o chazinho de sabugueiro e dava chá de açafraão. Mas parteira nem observar eu tive a oportunidade de observar, quando vi tive que fazer o parto da minha mãe, foi parto de alto risco que duas parteiras não conseguiram e eu guiada por Deus consegui. Foi o primeiro parto que eu fiz, eu tinha 18 anos, depois daí fui fazendo um atrás do outro, agora que não faço mais.

Neste mesmo sentido, a terapeuta aos nove anos de idade desenvolveu o dom de ser raizeira fazendo chás para os bebês que nasciam. Mediante a observação, a transmissão oral e gestual, começou sedimentar essa terapêutica que está em

recorrente processo de aprimoramento. Logo, o aprendizado de Dona Flor se deu por uma série de vivências e experiências que passou pelo seu corpo e pela observação de outros corpos. Além disso, ela detém conhecimento sobre o cerrado e suas plantas. Essa sabedoria sobre as ervas e seus efeitos terapêuticos a fez ser reconhecida e muito procurada por parte da comunidade que a cerca e por outras pessoas de localidades diversas. De acordo com Dona Flor:

Eu desenvolvi meu dom com nove anos de idade me lembro que completei nove anos, dia 2 de fevereiro e dia 9 de maio foi o primeiro chá que fiz, primeiro remédio para salvar a vida de uma pessoa. A não ser chazinho que mamãe mandava fazer, chazinho de hortelã, chazinho de poejo para dar para os bebês que nasciam. Porque toda vida eu fui babá, eu já nasci babá. Doença de bebê já nasci sabendo, bebê chorava eu sabia que se esquentasse um paninho na barriguinha dele, ele melhorava. Aí ficava com aquela cólica, eu ia lá fazia um chazinho e dava. Ninguém mandava eu fazer, eu ia lá e fazia. Então eu fui crescendo assim e fui também vendo aquelas mães fazendo né?! Quando os bebês nasciam eu sempre prestando atenção na hora do banho. Eu via ela banhar o bebê naquela água controlada, eu via elas pegarem água no pulso para ver a temperatura, vendo a temperatura toda hora. Aí banhava o bebê, secava a cabecinha, passava óleo na cabecinha. Quando estava fazendo frio eu via minha avó, ela ia lá pegava o algodão, abria e botava na cabecinha do bebê e botava a toquinha por cima, para não pegar frio na orelha. Aí eu fui gravando tudo. Aí quando os bebês nasciam já mandava me chamar.

As heranças culturais, ou melhor, o saber repassado e observado de outras terapeutas, favoreceram sua atuação como raizeira, mas até então, Dona Flor não dominava a arte de partejar. Um evento marcante a iniciou nesta arte, que atuaria por mais de cinquenta anos, foi o parto de sua mãe. Ela tinha 18 anos, foi seu primeiro parto, quando teve que atuar repentinamente e em uma urgência semelhante ao encontrado em outros estudos sobre parteiras populares que afirmam terem se iniciado no ofício ao realizar o “parto no susto” (FLEISCHER,2008, p. 891). Segundo ela:

O parto da minha mãe foi uma história mesmo, assim meio até das pessoas duvidarem. Minha mãe teve 13 filhos, ela criou 11. Eu tive 18 e criei 13. O parto da minha mãe foi um parto assim rigoroso, eu achava que ela ia morrer, mas no momento, Deus me usou pra fazer o parto dela e eu fiz. A menina nasceu semimorta, cordão passado no pescoço, uma volta no pescoço e outra volta assim no braço. Eu entrei no quarto e só falei pra Deus assim: ‘se você existe faz um milagre acontecer, eu não posso perder minha mãe, porque eu já

não tenho pai'. 'Quando eu entrei parecia que alguém tinha aplicado uma injeção de fogo na minha cabeça e aí eu não tive sossego eu tive que entrar no quarto. As parteiras que estavam lá não queriam que eu entrasse. Eu falei pra elas: 'Ou vocês me deixam entrar pra fazer o que eu quero fazer ou então vocês vão tirar esse menino da barriga da minha mãe agora!' Eu tinha 18 anos. Aí as parteiras ficaram tudo assim me olhando e falando: 'Mas o quê que você quer aqui dentro menina?' Aí eu disse: 'Eu quero fazer uma coisa que vocês não fizeram, minha mãe vai morrer e o quê que eu vou fazer com sete meninos nas minhas costas?' E ela brigando comigo, brigando, brigando. Aí eu falei pra elas: 'Pode brigar, entrei no quarto, subi em cima da cama, peguei minha mãe e agarrei ela.' Logo dei uns abraços nela e falei pra ela: 'Você não vai morrer não, Dona Maria, porque eu não tenho como criar seus filhos não'. Eu já achava que ela estava era morta e eu fui pegando nela, conversando com ela e amassando a barriga dela, esfregando essa barriga. Ela mentia pra mim que o bebê nascia era pela barriga, que cortava com faca a barriga. Mentira tem a perna curta é por isso que eu não minto. E eu fiquei esperando essa mulher cortar a barriga dela pro menino nascer e nada. Aí eu disse assim: 'Ela vai morrer mesmo! Por que as mulheres não cortam?' Eu olhava dum lado e eu não via faca, eu olhava do outro e eu não via a faca. Eu pensei, não pensei duas vezes, levantei ela aqui assim [simulando um abraço forte] e eu era magrelinha, sequinha. Eu vi quando eu arribei essa mulher, assim pra cima, eu arribava ela e sentava ela assim, eu arribava e sentava e depois eu pensei o quê que eu vou fazer agora? Essa menina vai sair, porque se eu tivesse achado a faca lá eu tinha cortado. Aí eu dizia: 'O que tá faltando aqui é a faca, eu vou cortar, mas não achei essa faca'. Elas lá com um copinho de azeite, azeite de mamona com fumo aceso lá. Eu ia lá sujava mão com óleo, isso foi intuição, e dava massagem na barriga da minha mãe, nunca tinha visto fazer nada disso. Esfregava essa barriga e sentia a menina e pensava: 'Nossa, que trem grande!' Eu pensava que se eu passasse o óleo a barriga rachava e a menina saía, pra você ver o tanto que eu era burra e aí acabou, passou essa reação dela. Com um pouco eu vi ela fazendo força, essa veia artéria dela tava dessa altura, com um pouco a mulher acabou. Pulsava aqui, pulsava ali, nada, pulsava aqui e eu não achava pulso, aí eu achei aqui [sentiu a pulsação no pescoço] a veia artéria dela tava batendo. Eu acho porque a pressão baixou né?! Aí eu falei: 'E agora?' Agora eu vou tirar esse menino daqui e eu sabia que era uma menina e eu falei pra ela que ia ser menina. E eu fui puxando pra baixo essa barriga dela, falando: 'Essa barriga ainda vai rachar'. E eu fui puxando, puxando, uma hora eu escuto uma voz na minha cabeça: 'põe ela em cima do joelho'. Eu olhei pro lado, olhei pro outro e eu não vi ninguém. Aí tornou falar de novo: 'põe ela em cima do joelho'. Não pensei duas vezes, cruzei a perna direita por cima da perna esquerda. Peguei o cóccix dela e bati em cima do joelho, quando eu bati o cóccix dela ela fez: huuuuuu... duas vez, a menina saiu. Cordão passado no pescoço e no braço, a menina pretinha, falta de oxigênio, falta de respiração, mas saiu com placenta com tudo e minha mãe desmaiou. E agora eu ficava de olho na menina, que não chorou e eu massagem daqui, massagem dali e nada, parecendo que ela [mãe] tinha morrido. Aí com um pouco ela abriu olho e olhou pra mim. Aí eu comecei apalpar ela, chamava,

puxava os dedos dela, coisa que eu nunca tinha visto fazer, puxava os dedos e estralava, aí ela reclamava, aí eu falava: 'é, ela não morreu não'. Aí uma das mulheres entrou lá e falou assim: 'mas o quê que é isso?' Aí eu falei: 'é o que vocês tá vendo aqui é a menina que nasceu'. Aí ela falou: 'menina? Isso aí é um menino.' Isso porque a menina nasceu de bruço, por isso que ela falou que era menino. Aí eu falei pra ela: 'então vamos ver o que é.' Eu já sabia, já tinha visto. Ah, mas quando eu falei que era menina minha filha, minha mãe assustou, olhou pra mim assim e falou pra mim: 'menina?' Aí eu falei: 'é'. Aí ela: 'hã?' Aí a pressão dela foi pra zero. Aí ela falou: 'nasceu mais uma pra sofrer, olha que praga!' Aí eu falei: 'cale a sua boca, ela veio pra cuidar de você!' Aí lá vai eu mexer com essa menina, porque disse que essa menina tinha morrido. Eu larguei essa Dona Maria pra lá e fui mexer com essa menina. Virei ela pra aqui, virei ela pra ali tava fria, fria como se tivesse saído de uma bacia de água fria. Eu pelejava, perguntando pra mim mesma, como é que eu vou fazer pra tirar o cordão?! As mulheres não apareciam, as mulheres não vinham. Aí Deus me ajudou que apareceu uma lá. Aí eu falei: 'olha nasceu ó'. Aí uma falou: 'e essa corda no pescoço aí?' Eu não sabia de nada né?! Aí ela disse: 'vixe tá morta mesmo, o cordão do umbigo dela tá passado no pescoço, por isso que ela não queria nascer.' Aí foi a hora que chamou a outra parteira e ela falou: 'está morta!' Aí ela tirou o cordão, jogou a menina lá, aí eu falei: 'e o que vocês vão fazer, não vai fazer nada? Pelo menos coloca um lençol em cima dessa menina, que daqui a pouco as moscas estão aí nela'. E eu com minha mãe agarrada no colo ela já tinha reagido, mas cadê que eu tinha coragem de deixar ela lá na cama, sangrando muito. Aí eu tô olhando a menina e ela tá fazendo assim [passando a língua na boca] lambendo, com pouco ela respirou, com um pouco eu vi ela mexendo a mãozinha. Aí eu falei: 'mamãe, tá viva!' Aí minha mãe falou: 'mentira, não tá vendo que não tá!' Aí eu falei: 'tá viva, tá viva, tá viva sim e viva!' Quando as mulheres entraram eu perguntei: 'O que é que vocês vão fazer com essa menina agora?' 'Uai agora vou cortar o umbigo'. Nessa hora me expulsaram do quarto pra eu não ver. Aí, eu sou esperta, fiquei olhando no buraco da parede, elas medirem o cordão, amarrando o cordãozinho aqui no meio e cortando. Aí mandou eu pegar um garfo e eu peguei foi a colher e botei no fogo até que ficou vermelhinho o cabo, porque o que cicatrizava era o fogo, ficou vermelhinho, peguei o paninho lá e levei e elas me expulsaram pra fora e eu olhava lá pelo buraco, queimou dum lado, queimou do outro chega cheirou carne assada e botou a menina lá. A menina quietou. Aí elas falaram: 'ah ela morreu!' Aí eu falei: 'eu vou ver se ela morreu é agora!' Peguei ela e virei ela de cabeça pra baixo e bati no bumbum dela no três ela vomitou, vomitou a bola sequinha de secreção. Se não fosse esperta, depois de nascida morria.

A lógica do saber/fazer de Dona Flor perpassou por um processo de vivências e experiências que a auxiliou em sua formação como terapeuta popular, em que se sentiu impulsionada em suprir as urgências no cuidado mediante ferramentas as quais estavam disponíveis. A terapeuta lamenta não ter tido a oportunidade de estudar e realizar um sonho antigo de ser médica, mas fala que a vida dura serviu

como uma faculdade para seu atual ofício como terapeuta, que a fez ter sensibilidade para saber que o sujeito não pode ser fragmentado. Mas, é necessário entendê-lo como um todo para explicar de forma coerente o que está por detrás de seu sofrimento/adoecimento.

2.3 Sincretismo religioso e liderança comunitária

Como observado seu saber/ fazer, também, está ancorado na sua fé em Deus. Dona Flor, em suas falas, mostra muito temor a Deus. Nas entrevistas, nunca deixou de exaltá-lo. Ela deixa claro que é Ele quem a orienta em seu ofício terapêutico. Semelhante ao que ocorre com outros terapeutas populares, os quais têm uma base religiosa estruturando sua atenção à saúde (CARDOSO, 2012; MÁXIMO, 2013; SOARES, 2013), Dona Flor também vincula seu ofício a um dom e orientação divina. Sobre fé e religião, Dona Flor explica:

Em primeiro lugar a fé, se eu não tiver fé quem é que vai me ajudar? Porque a Bíblia diz, que se eu tiver fé em um grão de mostarda, a fé remove montanha e manda que a gente salte as muralhas. Então, você não precisa ter aquela mala de fé, mas essa fé tá em quê? Essa fé tá em Jesus. Eu acho que sem fé é impossível agradar a Deus. A fé sem a obra é morta e a obra sem a fé é morta. Se eu faço obras e eu não tenho fé, pra quê que ela serve? Pra nada. E se eu tenho fé e eu não pratico a obra a fé é morta também. Tem que tá as duas juntas. Eu confio no que eu falo, porque eu tenho fé em Deus, eu confio no que faço, porque eu tenho fé em Deus. Eu sei que é um Deus verdadeiro, que não mente, que não engana, é um Deus que liberta as pessoas.

Com relação a essa fé Siqueira et al. (2006, p. 72) afirma que:

A religiosidade e os terapeutas populares representados por raizeiros, benzedeiros e rezadeiras adquirem um significado importante dentro do processo saúde-doença, pois oferecem, em muitos casos, respostas àquilo que é inexplicável dentro do modelo biomédico de assistência à saúde. Além disso, ofertam aos indivíduos que se encontram em situação de fragilidade devido à doença, o conforto e a força para a reelaboração e enfrentamento de seu sofrimento.

Além disso, a religião, para o terapeuta, explica o seu ofício e estrutura logicamente a causa de um adoecimento, o sucesso ou não da cura de determinada doença.

Dona Flor frequenta a única igreja evangélica do Povoado. Cabe enfatizar que Dona Flor era católica e se converteu, sendo, agora, evangélica. Desse modo, por muito tempo, ela frequentou a igreja católica que fica em frente a sua casa, mas que, hoje, só tem a construção, pois não se realiza mais missas no local. Sobre sua religião, Dona Flor explica:

Eu não tenho religião, eu sou evangélica, eu sou serva de Deus. Existem as religiões, mas eu não sigo as religiões não, eu sigo Jesus. Porque religião qualquer um tem, tem tanta religião aí, tem budismo, não sei o que lá mais, tem não sei o quê, não sei o quê... Mas a minha religião é Jesus, porque ele que me ensinou a viver, me tirou do lamaçal do pecado, me ensinou amar, ele que me ensinou a criar minha família.

Alguns autores relatam que esses terapeutas, na maioria das vezes, tem certa elevação espiritual (OLIVEIRA, 1983; MARTINS, 2009 apud SIQUEIRA, 2006). Neste sentido, Dona Flor relata que, às vezes, ela escuta vozes que a orienta no seu ofício terapêutico:

Essas vozes que eu escuto são avisos, não é sempre que eu escuto. Eu escuto quando é mais urgente, quando tem mais necessidade. Porque quando tá pra chegar uma pessoa aqui em casa doente, que vai dar preocupação pra mim eu escuto uma voz falar comigo, me chamando. Eu saio pra ver quem é aqui na porta e não tem ninguém. Eu entro em casa e a pessoa fala: 'cuidado!' Foi o dia que veio uma mulher aqui e eu briguei com ela. Outros [vozes] falam: 'prepara!' Quando fala prepara eu sei que é doença. Outro dia, eu tava dando um curso aqui, antes das pessoas chegarem pra fazer entrevista veio a voz e falou assim: 'prepara!' Aí eu já preocupei e falei: 'ó meu Deus o que será?' Isso mexeu comigo, me abalou muito, não conseguia dormir. Aí fiquei sabendo que a velhinha morreu, a mulher mais velha aqui do Moinho. Quando foi um outro dia, me chamou de novo e falou: Dona Flor? Eu vim correndo, quando vi não tinha ninguém lá no portão. Aí eu falei: 'aí meu Deus quem é que me chama e não aparece, não manifesta e não fala nada?' Mas a voz falou: cuidado! Quando foi mais tarde chegou um homem aqui. Eu sempre escuto essas duas palavras: prepara e cuidado. Quando eu escuto prepara, eu sei que é gente que vem encher meu saco. Quando é cuidado eu sei que é doença. Então, nesse dia, chegou um rapaz aqui com um buraco na perna, leishmaniose, tudo comido. Eu fiz curativo na perna dele, coloquei um remédio. Ele ainda não tinha feito exame, mas eu já sabia que era leishmaniose. Ele fez o exame e deu e o meu Médico [Deus] já sabia.

Um dos motivos que Dona Flor parou de realizar partos foi por conta dessas vozes:

O último parto que eu fiz eu lembro foi dia 13 de janeiro de 2008 eu levando a criança pro colo da mãe a voz falou comigo: 'para!' Aí eu perguntei pro pai do bebê: 'Daniel, você falou alguma coisa comigo?' Aí ele: 'não!' Aí eu me perguntando quem tinha falado isso comigo. Quando eu tornei pegar o bebezinho no colo a voz falou comigo: 'para!' Aí eu falei comigo: 'eu não vou fazer parto mais não'. Aí eu não fiz mais, hoje eu só dou curso pra quem quiser ser parteira.

A habilidade e a sensibilidade de Dona Flor em manipular ervas e fazer partos a fizeram cada vez mais reconhecida pela sua comunidade e além de suas fronteiras. Esse reconhecimento e sua preocupação com a saúde da comunidade fizeram dela uma líder comunitária. Isso se reflete no contato com políticos locais, por exemplo, em 1988, o Prefeito colocou-a em um cargo público de Agente Comunitária de Saúde, quando não se dispunha de nenhum serviço de saúde oficial. Nesse trabalho, Dona Flor ia às casas das pessoas do seu Povoado ou essas a procuravam para cuidar da saúde. Segunda Dona Flor:

No dia do meu trabalho, eu batia de porta em porta, mas o povo também vinha me chamar se tivesse alguém passando mal... Eu conversava com a pessoa, olhava via o que eles estavam precisando, se estava precisando de um remédio, se estava precisando de um cobertor, como que estava a situação alimentícia dele, como que estava a higiene... Ensinava como que fazia essa higiene, eu ensinei como fazia privada, eu que ensinei.

Como já foi dito anteriormente, apesar de ter uma Unidade Básica de Saúde ao lado da casa de Dona Flor, essa não está ativa. Então, os moradores do Povoado têm que se deslocar para Alto Paraíso caso precisem algum tratamento médico oficial. Dona Flor afirma:

O governo não faz nada pela gente, não tem carro pra levar a gente pra Alto Paraíso, tem que fretar pra ir pra lá, quando eu vou eu gasto sessenta reais. Olha esse povo colocou esse orelhão aqui que fazia vergonha. O outro prefeito colocou um gabinete aqui e outro prefeito arrancou e tirou daqui. Aqui não tem dentista, não tem médico, nós não temos transporte, nós não tínhamos meio de comunicação. O nosso meio de comunicação era rádio e televisão. O orelhão só tinha orelha, ouvido ele não tinha, colocou outro aí, mas daqui uns dias tá quebrado. A comunidade tem que se reunir e brigar pelos direitos. Eu que vou atrás, tem esse posto de saúde aqui do lado e não funciona. Aqui não tem quem mede pressão, aqui não tem quem aplica

injeção, aqui não tem ninguém que faz os curativos, tudo sou eu. Eu dou meu pronto socorro por amor, eu sou agente de saúde voluntária, eu sou assistente social voluntária, eu sou auxiliar do conselho tutelar voluntária, eu sou amiga da escola, eu sou amiga da saúde, eu sou amiga de tudo, mas eu não recebo deles nem um muito obrigado, mas eu faço. A comunidade é minha, eu moro aqui, eu criei meus filhos aqui, eu coloquei meus filhos na escola tudo aqui e eu aprendi trabalhar com saúde aqui. Então, eu tenho que valorizar.

O reconhecimento de Dona Flor como terapeuta a situa em uma posição privilegiada para dialogar com as autoridades, desse modo, ela é acionada muitas vezes para fazer esse contato e apresentar demandas.

Na próxima parte deste trabalho, pretende-se “preparar a terra”, expressão usada por Dona Flor, a fim de analisar os procedimentos terapêuticos e seus elementos, enfatizados por ela que revelam a integralidade do cuidado no seu modo de atuar. Esse modo engloba práticas totalizantes no ato de partejar, no uso de plantas medicinais, na saúde da mulher, na saúde do homem e na saúde da criança.

3 PARTE III: “PREPARANDO A TERRA”

3.1 Atuação de Dona Flor como terapeuta popular

Conforme visto anteriormente, Dona Flor foi se tornando uma terapeuta popular ao interiorizar de forma inconsciente princípios “manifestados no estado prático”, operacionalizando partos por muito tempo e ainda dispondo do ofício de raizeira (BOURDIEU, 1982/2013, p. 69). Para Dona Flor, ser uma terapeuta popular é uma dádiva divina, pois por meio do seu saber e prática ela se vê ajudando o outro em seu sofrimento/ adoecimento. Segundo ela: “Ver o outro feliz, saudável é coisa melhor que tem e que o dom que Deus me deu que me permitiu fazer isso que eu faço”. Por isso, a “medicina baseada no saber popular mantém-se viva no cotidiano da população. Medidas profiláticas e terapêuticas caseiras são realizadas com o intuito de buscar ou manter um estado de bem-estar próximo ao que é concebido como ideal” (SIQUEIRA et al., 2006, p. 70).

Hoje, Dona Flor é raizeira e professora, que realiza cursos, chamados de “Vivências com Dona Flor”, onde tenta passar conhecimentos sobre os cuidados especiais durante a gestação, o parto e o nascimento, formando parteiras e doulas e, também, sobre as ervas medicinais. As fontes de sustento de Dona Flor são esses cursos oferecidos esporadicamente, os remédios a base de erva que são preparados de forma singular e também licores e geleias. Antes de receitar algum remédio, Dona Flor dispõe de consultas, porém, essas não são cobradas a não ser que necessite de intervenção, que são as seções de lavagem intestinal. Essas seções serão descritas mais a frente. Dona Flor trabalha com hora marcada em sua casa e também está disposta a atender emergências a qualquer hora, desde que não sejam relativas a partos, pois a mesma não os realiza mais esse ofício terapêutico há mais ou menos cinco anos. Durante as idas à casa de Dona Flor para o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível observar várias pessoas visitarem a terapeuta com o intuito de buscarem algum procedimento terapêutico, desde vizinhos próximos a pessoas que moravam em outras regiões. Desse modo, mesmo com a dificuldade de acesso para chegar até Moinho, pois se deve passar por uma estrada de terra de

doze quilômetros, as pessoas procuram Dona Flor para comprar garrafadas, remédios e fazer consultas.

Dona Flor explica que trabalha com hora marcada, pois precisa ter um preparo antes de realizar sua terapêutica. Esse preparo consiste em pedir orientação a Deus para que ela consiga realizar de forma coerente seu ofício. Neste sentido, ela diz:

Tem preparação... A gente tem que pedir a Deus, pedindo pra aquilo dar certo, pra aquele remédio aliviar aquela dor, que aquela pessoa suporta aquela dor... É isso que eu faço. A gente fala pra Deus: 'Senhor tem de misericórdia que esse remédio vale, que Deus nos abençoe, que a gente confia no Senhor. Porque o Senhor é o médico dos médicos, porque o verdadeiro médico é o Senhor, não deixa que nada de ruim possa acontecer, que essa doença tem que ter cura. Porque quem cura é o Senhor, porque o Senhor que andou no mundo curando os enfermos, curou o leproso, ressuscitou as pessoa que já tinha morrido' [...] Quando uma mulher tava assim sem força pra ter um bebê eu pedia a Deus: 'Senhor, assim com o Senhor tirou Jonas do ventre da baleia tira essa criança do ventre dessa mãe'. Eu sempre orei junto das pessoas que eu fiz o parto e das pessoas que me procuram aqui, procurando alguma garrafada, alguma erva. Meu espírito sempre tá ligado em Deus. Eu peço a Deus pra ele me dar a palavra, pra saber que remédio eu posso fazer, que remédio que eu vou colocar na lavagem, que remédio eu vou colocar na pílula de babosa. É Ele que me mostra, eu não faço nada sem a ordem de Deus não. Porque a primeira garrafada que eu tomei foi eu que fiz pra mim, pra meus filhos a mesma coisa, mas com orientação Dele. Essas garrafada pra engravidar eu sempre peço: 'Oh Deus, a mulher que quiser ser mãe mesmo, que for cuidar do filho que o Senhor deixa ela engravidar, mas se for pra desmazelar com a criança não, o Senhor tem que fazer ela desistir da gravidez, porque eu não quero ver criança no mundo sofrendo aí, eu não quero'.

Nos fins de semana e feriados prolongados, quando se realizou a pesquisa com Dona Flor, foi possível observar que muitas pessoas a procuravam para aliviar seus males e perceber que, antes de perguntar o que a pessoa estava sentindo em seu sentido físico ou biológico, Dona Flor começava uma conversa descontraída. Essa conversa inicial acabava por criar certo vínculo com a pessoa, deixando-a confortável, para, em seguida, a terapeuta perguntar como está a família, a vida financeira e, por fim, questionar o que a pessoa está sentindo na acepção biológica com a finalidade de entender o porquê desse sofrimento.

Mota (1997), em seu estudo, argumenta exatamente sobre a interação entre a pessoa que recebe o cuidado e o raizeiro, a qual é mediada por um sentimento de confiança, o compartilhamento de experiências e troca de informações entre ambos. Essa forma sutil de tentar adentrar na particularidade do indivíduo, tentando entender o porquê de seu adoecimento/sofrimento faz com que ele acate a determinações terapêuticas, que foram construídas conjuntamente no diagnóstico e no prognóstico. Neste sentido, Faria (1998) faz um paralelo entre a medicina popular e a convencional em que a primeira utiliza de práticas que faz considerar o indivíduo como um todo, isto é, de forma holística, porém, a segunda operacionaliza fragmentando o sujeito, ou seja, não se considera o organismo integral havendo uma incoerência no processo de cuidado. Seguindo esse fio lógico, Dona Flor afirma que:

Quando uma pessoa chega aqui e reclama de uma dor de cabeça a primeira coisa que eu vou fazer não é dar um remédio pra curar essa dor de cabeça. Eu preciso conversar com a pessoa pra saber o que se passa na vida dela. Pra entender essa dor de cabeça, vou dar uma massagem, porque às vezes ela só tá estressada, vou conversar.

Essa forma de olhar para o sujeito e não para sua doença é uma característica dos terapeutas populares, ampliando o olhar para as dimensões que atuam tanto sobre o corpo, a mente, o espírito, as relações sociais mantidas, acabando por realizar uma abordagem integral. Dessa forma Siqueira et al. (2006, p. 69) argumenta que “sua ação deixa de limitar-se à cura de doenças ou tratamento de sintomatologias e passa a contribuir para melhor desempenho nas questões referentes ao processo saúde-doença e, conseqüentemente, na qualidade de vida”.

Dona Flor parou de realizar partos, porém continua sendo raizeira isso inclui “ir para o mato” em busca de raízes que não tem em seu quintal. Segundo ela: “As ervas contribuem pra saúde da pessoa, porque o conteúdo da planta é a saúde”. Enfatiza o prazer de coletar as ervas e prepará-las, “sair e coletar minhas erva é meu divertimento [...]”. Relata que o poder de cura e prevenção não está nela, mas na erva:

É o remédio que tem o valor, não sou eu. Pra mim as ervas são muito especiais, porque as ervas são meu pronto-socorro. Porque eu só tomo remédio de farmácia, quando eu tomo as erva e não vejo resultado. E meus filhos foram criados a base de erva porque desde o primeiro banho deles até eles crescerem e dar conta de se virar. Assim mesmo, quando vem pra cá doente o remédio é erva. Porque as ervas tem o poder de curar e prevenir.

A terapeuta está ciente sobre seu papel como cuidadora ao longo do ciclo de vida dos indivíduos, do parto a vida adulta. De acordo com Dona Flor, ela já realizou mais de trezentos partos, sendo mais de 200, somente, na comunidade onde ela vive e a maioria na casa das próprias parturientes, sem cobrar nada por isso. Muitos adultos e jovens do Povoado nasceram de suas mãos e ela auxiliou no cuidado desde os primeiros anos de vida. De acordo com a terapeuta: “Eu fiz parto da minha mãe, das minhas filhas, fiz parto de nora, fiz parto de cunhada. Essa mulherada de Moinho quase tudo nasceu em minhas mãos e quase todos os filhos delas nasceram em minhas mãos, continuo cuidando deles ainda”. Como terapeuta total, que domina diversos procedimentos, desde a arte de partejar, passando pela oração⁶ até o uso de plantas medicinais, Dona Flor atua ao longo do ciclo de vida do indivíduo, ciente da impossibilidade de fragmentar o sujeito em fases da vida ou geracional e de acordo com o sexo.

Sua sensibilidade era e, ainda, é apurada, pois, com exceção do parto da sua mãe, o qual foi inesperado, todos os outros foram com dia e hora marcada. Isso acontecia porque Dona Flor conhece os elementos que constituem o momento do parto, assim, afirma que o dia do nascimento da criança está relacionado com a lua. Além disso, ao tocar na barriga, ela conclui se é menino ou menina e se será possível fazer parto normal ou não:

Eu briguei mais minha filha e a bisavó do Pablo. Eu falava que era homem e elas teimavam que era menina. Eu falava é homem e elas, é mulher! Eu falei: ‘gente esse menino é homem’. Aí elas falavam: ‘não é, é mulher!’ Aí eu: ‘então, tá! Vamos apostar? Vamos apostar, mas é mil contra mil e se eu ganhar eu quero receber na hora’ [risos]. Aí elas ficaram assim, aí eu falei: ‘vai fazer o ultrassom logo, que eu

⁶ Nas entrevistas, a prática de benzimento não foi verificada como ofício terapêutico de Dona Flor, pois segundo ela, ela ora e não benze. Este fato pode estar ligado a sua conversão para religião evangélica que condena o ato de benzer, mas especula-se que o benzimento já fez parte de seu ofício terapêutico. Entretanto, o afirmado necessita de maior investigação.

quero saber, eu preciso ajudar a comprar o enxoval do menino'. Elas esconderam o sexo do menino até nascer. Aí chegou lá em casa de manhã desconfiadinha. Só olhando pra mim e rindo. Aí eu falei: 'Ganhou na loteria? Divide o dinheiro comigo, tá muito alegre o que foi?' Eu já sabia que tinha nascido, porque eu marquei dia nove e nasceu dia nove. Aí ela falou: 'Dessa vez a senhora ganhou'. Aí eu falei: 'E eu já perdi algum dia? Menino é homem né?' Aí ela disse assim: 'É'. A outra lá, Raila tava grávida da primeira menina, me chegou lá em casa perguntando o que era. Aí eu perguntei pra ela: 'Você já fez ultrassom?' Ela disse que não. 'Você não tem noção do sexo dessa criança?' Ela falou que não. 'Pois é, é uma menina e tá sentada. E tá sentada com as pernas abertas assim'. Aí eu falei para o amigo dela: 'José você ajuda Raila, vou orar pra tudo dar certo, tá que ainda tá no quarto mês, cinco meses o bebê pode se ajeitar ainda'. Mas ela vivia engarranchada numa moto. Um dia eu falei pra avó dela. Eliana você é avó dá uns conselho pra Raila que o neném dela tá sentado. Aí ela: 'Ah não tá não, de jeito nenhum, não tá vendo que aquela criança não tá sentada. Se ela tivesse sentada a barriga dela tava daquele jeito'. Eu falei: 'Que nada, você não conheceu nem barriga sua. Você pariu 12 filhos você nunca soube o sexo deles antes deles nascerem aí você vem protestar comigo?' Aí eu disse: 'Então, deixa'. Aí eu falei pra Júlia e ela falou com a Raila: 'Ó minha madrinha falou pra levar você pra Formosa pra fazer ultrassom enquanto a menina tá pequena'. Aí falou que não tinha dinheiro, falei: 'Então vai na rede pública que isso aqui é emergência'. Aí foram chegando lá, fizeram o ultrassom, a menina sentada. Aí eles falaram que tinha que ser cesariana porque tá sentada, muito sentada. Aí eu falei pra ela: 'Você tem mudar o jeito de você andar, a posição de dormir, pra ver se ela vira'. Deus ajudou né. Ela virou, nasceu, fêmea, tá prenha de novo. Falei pra avó dela: 'Tá grávida de novo e é outra mulher'. Aí a avó: 'Não esse aqui vai ser homem'. Aí eu falei: 'Ah é, vamos ver'. Eles não sabem de nada não. O menino homem ele gera de bruço, a barriga forma uma melancia aqui ó, por causa do bumbum. A menina gera com a barriga pra cima e a barriga fica mais pra cá e pra cá. Eles não entendem isso. Quando é mulher a barriga fica larga, quando é homem empina. E eu não perdi de nenhum dos meus filhos.

Dona Flor sempre aconselhava as grávidas a procurarem o médico também, conforme observado, seus procedimentos terapêuticos de massagem e toque para ver a saúde do bebê na barriga eram realizados em uma ação complementar ao acompanhamento dos procedimentos médicos. Quando realizava partos, ela impunha a condição de que as mulheres que iriam fazer parto com ela, fizessem as consultas de pré-natal regularmente no centro de saúde. Desse modo, Dona Flor acaba por atuar como tradutora de processos que são vividos pela grávida e não compreendidos e, também, como referenciadora do cuidado. É importante salientar que mesmo não realizando mais partos, ela continua sendo uma conselheira para mulheres grávidas e para aquelas que estão se preparando para ter uma gestação

saudável. Segundo ela é bastante corriqueiro mulheres grávidas, não somente do pequeno Povoado, se deslocarem de suas casas e irem em busca de orientações e conselhos relativos à gestação e ao parto. Mulheres com problemas de engravidar, também, que já tentaram por diversos procedimentos formais disponibilizados pela medicina oficial e não conseguiram, as procura a fim de efetivar esse desejo. A primeira coisa que Dona Flor avalia é se essa mãe vai cuidar realmente da criança, pois o que ela teme é: “Eu não quero ser autora de um sofrimento de uma criança, não precisa ser um hotel cinco estrelas, a mãe e o pai têm que preparar e principalmente amar o filho”.

Nos casos observados de mulheres que procuram Dona Flor para engravidar, ela inicia o procedimento terapêutico estabelecendo um diálogo com o indivíduo e se inserindo em sua singularidade. Assim, ela busca entender o porquê da dificuldade de engravidar, para isso sente a necessidade de conhecer o casal, a fim de saber como é a vida da mulher com cônjuge. Além dessa análise contextual, ela solicita, em alguns casos, exames biomédicos, a fim de saber como anda a saúde desses indivíduos para depois partir para o tratamento com as ervas. Esse tratamento consiste em seções de “lavagens” (lavagens intestinais), tratamento, também, feito para outras finalidades, que não a de engravidar. Essa lavagem é realizada em uma pequena sala que tem uma maca de concreto com um colchonete em cima, além de um banheiro. O indivíduo deita, ela conversa com a finalidade de relaxá-lo, pois a lavagem é feita com a combinação de várias ervas, em forma líquida, no ânus. A receita difere dependendo da necessidade de cada indivíduo. Após a lavagem, Dona Flor analisa as fezes da pessoa para diagnosticar o problema de saúde, em seguida, prepara uma garrafada contendo diversas ervas, também, específicas para a necessidade desse indivíduo.

Dona Flor define garrafada como:

A garrafada é um seguinte, ela é um remédio tradicional desde o começo do mundo feito de casca de pau, ervas e vinho. Ela é pra curar as doenças e pra prevenir pra deixar a pessoa sadia, saudável e com a energia boa, pra não pegar uma doença. Quem usa uma, não pega o câncer, não sofre de diabete, não sofre de colesterol, não sofre de alergia, não sofre de garganta, não sofre dos rins. Aqui não tem conservante, aqui não tem uma química, tudo é uma coisa

orgânica. Então, por isso que tem a prevenção nela e pessoa que não usa fica indefesa pra combater o vírus da doença [...].

Então é possível inferir, a partir dos relatos de Dona Flor, que, para garantir a saúde dos indivíduos, ela utiliza estratégias de promoção e prevenção diferenciadas para cada pessoa. Nas falas de Dona Flor, percebe-se que seus procedimentos atuam muito mais no âmbito da prevenção do que na cura em si de uma doença. Isso será melhor elucidado na próxima seção evidenciando, principalmente, as abordagens utilizadas para garantir a saúde da mulher, do homem e da criança.

3.2 Ciclo de vida do cuidado: Estratégia popular de promoção e prevenção da saúde

Dona Flor tenta de diversas formas contextualizar a saúde da mulher, do homem e da criança, levando em consideração um ser total, utilizando como estratégia a promoção e a prevenção, específicas para os diferentes sexos e para as diferentes fases de desenvolvimento da vida. No entanto, essa diferenciação que faz não anula a pessoa em sua totalidade e o seu ciclo de vida, mas a terapeuta observa as diferenças e especificidades que um corpo passa a vivenciar quando adentra em determinada fase. Neste sentido, ela afirma:

A mulher não é igual ao homem. O organismo da mulher age de um jeito e o do homem age de outro. Então, tem que ter uma separação, tem que ser uma coisa assim que é preciso conhecer a realidade do homem e da mulher, da menina mulher e do menino homem. A saúde do homem é um seguinte é meio difícil. A saúde do homem a gente começa a descobrir quando ele nasce, a menina também é do mesmo jeito. O homem precisa permanecer respeitando a própria pessoa dele, não ficar bebendo, não ficar usando droga, não comer besteira e a mesma coisa é com a mulher. O homem e a mulher tem que cuidar da saúde conforme o corpo pede. Nós mulheres, cuidar da saúde com sabedoria, não abalar por qualquer coisa, temos que mostrar a nossa fortaleza. Lá em provérbio 14 a Bíblia fala: Mulher sábia edifica sua casa e a tola destrói com suas próprias mãos.

Por isso, a terapeuta discorre sobre a importância de atuar em aspectos preventivos, atuar antecipadamente, para evitar danos à saúde, observando as novas fases do ciclo de vida que um indivíduo vivencia, mas sem anular as fases anteriores e posteriores. Então, reitera a necessidade de ter um acompanhamento rotineiro, em que ela pode contribuir para efetivar o cuidado preventivo mediante suas

orientações, consultas e os cuidados complementares com as garrafadas e outros remédios produzidos pela terapeuta popular. Juntamente com o seu trabalho, enfatiza a necessidade de ir ao médico. Com relação ao cuidado ao longo da vida, ela analisa:

O primeiro cuidado da mulher é principalmente na adolescência. É quando ela começa a menstruar, ter higiene pessoal, higiene com a boca, com a alimentação, com o banho, tomar os remédios certos, fazer consulta, fazer exame. A saúde da gente começa desde a gravidez da mãe, na hora do bebê nascer, na amamentação, a saúde começa daí. Não é só mulher, o homem também, todos. Agora, depois que começa namorar, a primeira coisa que a menina deve fazer é ir ao ginecologista, pra aprender a se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis, mas primeiro o casal tem que se conhecer, virar amigo, ir ao médico junto, porque, às vezes, o homem tem uma doença e você não sabe, mesma coisa da mulher, às vezes, ela tem uma doença e o homem não sabe. Então, tem que ir junto pra fazer exame de sangue. Depois pode me procurar para ajudar nessa prevenção, mas não pode deixar de ir ao médico, o que eu posso fazer é ajudar, aqui eu faço as garrafadas, os meus remédios, diferente para cada pessoa, porque cada um tem um problema diferente, mas para eu saber disso vocês têm que ir ao médico primeiro.

Dessa forma, Dona Flor acaba por realizar um trabalho de tradução, explicando aos sujeitos a importância dos médicos e de sua terapêutica. Ela passa não somente a atuar em aspectos preventivos, mas também na promoção da saúde. Sua atuação não está pautada em somente vender seus remédios e fornecer suas consultas, mas em dar autonomia aos sujeitos para que compreendam os sistemas de saúde, oficial e o popular.

Outros pontos enfatizados por Dona Flor com relação à saúde dos indivíduos, que transcendem seus procedimentos terapêuticos, são suas preocupações com a educação, com o meio ambiente, reivindicando também o acesso aos bens de serviços essenciais. Preocupando-se assim com o lazer da população da região, a fim de construir um ambiente saudável. Perceptível quando ela afirma:

O homem e a mulher têm que procurar fazer exercício físico, nadar, lutar, fazer caminhada, mas aqui em Moinho fazer esse tipo de coisa é difícil, porque você viu aí, aqui a gente não tem lazer. As crianças que sofrem mais com isso, porque não tem onde brincar. Porque saúde, Tamara, não é só tomar remédio, saúde também é brincar!

Para suprir as carências da região no quesito lazer, Dona Flor começou a organizar a festa do dia das crianças e está planejando o natal da comunidade. Entretanto ainda anseia a participação da comunidade na realização de oficinas de arte, construindo um espaço de aprendizagem com a execução de diversas atividades, que de antemão ela se voluntaria, a fim tentar garantir o entretenimento do Povoado. Quando diz:

Os jovens daqui não têm ocupação, não tem oficina de arte, aí fica se envolvendo no que não deve. Alto Paraíso, não só o Moinho, está precisando de várias coisas e o governo não enxerga isso, não sabe o que precisa. Aqui não tem ocupação, aí envolve no que não deve. As meninas engravidando com onze anos e não sabe nem quem é o pai do filho. Nós não devemos dar o peixe cozido, nós devemos dar o anzol e ensinar como pescar, se não for assim a gente não vai pra frente nunca. Porque se tem duzentas pessoas que trabalha, tem mil que não trabalha. O projeto que eu queria ter era uma oficina de arte. Eu tô aqui, o que eu souber eu estou de espontânea vontade pra ajudar. Agora eu queria que a pessoa aprendesse e praticasse, fizesse uma cooperativa, uma associação que todo mundo ajuda, que um dia eu trabalho, outro dia outra pessoa trabalha, todo mundo trabalhando e livra de roubar, livra de usar droga.

Fica claro que Dona Flor não se restringe ao fato, que saúde é ausência de doença ela se aproxima de forma empírica e sensibilizada do conceito de saúde proposto pela OMS, pois saúde, para ela, também é um completo bem estar físico, mental e social. Para efetivação desse cuidado sensibilizado é necessário, nos termos de Dona Flor, “fincar suas raízes” estabelecendo uma relação dialógica entre os saberes, o popular e o oficial. A quarta parte desse trabalho, discutirá a fundo essa temática sob a perspectiva de Dona For, além do processo de transmissão de saberes para garantir a permanência desse saber e prática popular.

4 PARTE IV: “FINCANDO RAÍZES”

4.1 Diálogo entre saberes distintos: Um compartilhamento necessário

O movimento de reforma sanitária, o qual impulsionou a criação do SUS, gerou um processo de mudança no sistema de saúde brasileiro que tornou possível obter inegáveis conquistas do ponto de vista jurídico. O SUS caracteriza-se legalmente como um modelo solidário em que todos têm acesso aos serviços públicos de saúde independente de contribuírem ou não com a previdência social. Além disso, esse sistema situa o indivíduo como o agente da sua saúde, responsabilizando o Estado por este cuidado por meio de estratégias de promoção e de prevenção, que leva em consideração o contexto social com o intuito de responder de forma mais resolutiva às necessidades de saúde de todos. Entretanto, na prática, muito daquilo que foi formulado não foi concretizado. Por exemplo, vigora o modelo biocêntrico hegemônico, o qual acaba por ser, também, hospitalocêntrico, atuando sempre no nível da emergência e medicalização excessiva dos sujeitos. Nesse sentido, muitas vezes, desconsidera-se o indivíduo, sua singularidade e as diversas dimensões de sua vida, o que dificulta a plena realização da promoção e prevenção da saúde.

No entanto, paralelamente, a este modelo há as medicinas populares, que não estão ancoradas a nenhuma política pública e efetivam processos de escuta cultural, de coparticipação dos sujeitos nos procedimentos terapêuticos. E acabam por atuar no nível da promoção e prevenção à saúde. Então, a partir desse quadro é possível perceber os sujeitos inseridos e transitando por dois polos distintos, o das medicinas populares e o da medicina científica, que mantêm relações de força desiguais (CAMPOS, 2003; LOYOLA, 1983).

As medicinas populares têm uma história de construção e dinamização dos seus saberes/fazeres anterior à medicina científica. Apesar disso, os serviços oficiais de saúde estão baseados na medicina científica e os saberes populares foram excluídos desses. Esses dois saberes foram separados por fronteiras simbólicas, muitas vezes, intransponíveis, em uma situação comparável a um *apartheid*, porém simbólico. Essa separação tomou a forma altamente hierarquizada, onde, de um

lado, existem as manifestações culturais dos populares, dos iletrados e, de outro, há o saber científico, dotado de técnicas reconhecidas oficialmente. Por este motivo, o último grupo se viu com o poder de reduzir a classe popular e legitimar seu conhecimento (BOURDIEU, 2011/1996; LOYOLA, 1983). A forma de legitimar, de ditar o que é válido e o que não é válido para se garantir a saúde fez com que os grupos populares fossem considerados, do ponto de vista da medicina científica, como sobreviventes folclóricos “de uma época passada, de regiões rurais e comunidades tradicionais isoladas e atrasadas” (LOYOLA, 1983, p. 3).

Atuando no polo das medicinas populares, está Dona Flor. Em seus relatos, a mesma enfatiza a ideia de integralidade em seus procedimentos terapêuticos, pois, muitas vezes, os indivíduos que a procuram, não vão buscar somente uma garrafada para curar ou aliviar alguma dor, eles, também, querem o entendimento do seu organismo total, que, por sua vez, não se restringem aos fenômenos biológicos:

No hospital, o médico só conhece a doença, mas não passa conhecer a pessoa, fazer amizade com ela. Porque, às vezes, minha filha, você vem aqui, você não tá doente, você não tá precisando de uma injeção, você não tá precisando de um comprimido, você não tá precisando ficar internado, você não tá precisando de um soro. Sabe do que você tá precisando?! De amor, de uma boa palavra, de uma pessoa para você dialogar, desabafar. Quantas pessoas vêm aqui deprimidas e eu não dou nenhum remédio aqui, sai daqui bem melhor. Um dia chegou uma mulher aqui desmaiando, o amigo dela trouxe, ela ficou ali deitada no sofá chorando, chorando. Aí eu disse: ‘Mulher porque tu chora? O quê que foi?’ Ela falou: ‘Aí Dona Flor não aguento, tô com uma dor na alma, tô com isso, tô com aquilo’. Aí eu disse: ‘Você não tá com nada, não fica assim, a tristeza não faz parte da nossa vida. Eu sei tudo que você tem’. Ela perguntou: ‘O que Dona Flor o que eu tenho?’ Aí eu disse: ‘Você sabe mais do que eu’. Aí deitei ela, fiz uma massagem no pé dela, fiz um chá para ela de rosa maná. Essa rosa você pode tá pulando de tanta angústia que você acalma. Eu fiz o chá, dei pra ela, ela dormiu, acordou. Bom, aí falei pra ela, bom agora vamos conversar, aí peguei, sentei com ela. Aí ela me contou a história dela, que tinha envolvido com um cara e começou usar droga e depois o cara foi embora. Aí eu falei: ‘nós mulheres, nós precisamos nos valorizar muito. Aquela história de falar aquele fulano é herói, não... Nós que somos. Mas se nós não soubermos, não somos nada, nós não podemos envolver com certo tipo de coisa, nós temos que envolver com o nosso futuro, nós temos que envolver com nossa vida, ser mulher do bem, bem vista pela sociedade, estudar, que foi uma coisa que eu não fiz’. Eu tenho uma parte de mulher em mim que é podre, eu não sei ler e eu não sei escrever. Então, essa parte aí eu deveria esquecer dela. Então é assim, às vezes a gente sai pra o mundo procurando... Fica

internado, vai para UTI, pinta e borda e o remédio não dá jeito, tá nas mãos de Jesus. Quando Jesus me usa, usa você, usa ele, nem remédio não precisa, basta uma boa palavra, basta sentir o que Jesus sofreu por nós nesse mundo. Então nós devemos seguir isso aí sofrer com paciência, com amor e amar o próximo. E a Bíblia diz: Amai ao próximo como a ti mesmo e é o que a gente não faz.

Desse modo, o terapeuta popular cria vínculos e analisa a biografia dos sujeitos para organizar o processo de adoecimento que está vivenciando. Por outro lado, de acordo com Loyola (1983), há uma incoerência na atitude adotada pela medicina científica que desqualifica os doentes das classes populares como ignorantes. Assim, seus relatos, os quais são tão valorizados no universo das medicinas populares, são substituídos por exames na medicina científica. De acordo com Loyola:

[...] eles desqualificam as representações que estes têm do próprio corpo, da doença e dos princípios de higiene e, assim fazendo, reafirmam a legitimidade da medicina científica, única capaz, segundo eles, de decifrar, através do discurso “desarticulado” e caótico dos doentes, a verdadeira linguagem dos sintomas, de estabelecer a ligação entre sintomas e doenças, de classificá-las, enfim, a única capaz de pôr ordem no caos, restabelecendo o equilíbrio do organismo, a saúde (LOYOLA, 1983, pp. 23-24).

Esse processo de hierarquização fica bem claro nas falas de Dona Flor quando relata o distanciamento entre esses distintos saberes:

Quando a cascavel me pegou um amigo meu veio aqui e falou que eu tinha que ir ao médico tomar uma antitetânica. Eu fui para o hospital e tava com 15 dias que a cascavel tinha me pegado o médico encheu meu saco falou assim: ‘esse povo da roça, que não sei o quê’. Eu olhei na cara dele deu vontade de rir. Aí ele falou assim: ‘tá rindo ainda?’ Aí eu falei pra ele: ‘chorar, você quer que eu chore? Não, eu sou mulher de coragem, eu tive 18 filhos sem gemer’. Então, ele perguntou: ‘o que você veio fazer aqui então?’ Eu respondi: ‘eu que lhe pergunto o que você tá fazendo aqui é pra encher meu saco?’ Aí ele falou: ‘já passou do tempo, mas eu vou passar, vou passar duas injeções’. Aí as enfermeiras foram aplicar. Aí outra encheção de saco. As enfermeiras falavam: ‘ai Dona Flor, você cura todo mundo e não deu conta de curar a senhora’. Aí eu falei pra elas: ‘ô minha filha quero deixar bem claro pra você, essa picada é uma bobagem e outra para quê que Deus deixou vocês?! Nós temos que conversar direitinho, trocar ideia, muitas vezes você não sabe o que eu sei e eu não sei o que você sabe. Será que eu sou a pior pessoa que você vai aplicar injeção ou eu sou a melhor?!’ A enfermeira respondeu: ‘ah, mas é porque todo mundo que vem aqui fala a senhora faz isso, faz aquilo’. Dona Flor respondeu: ‘Eu

faço o que eu sei fazer, eu me disponho a fazer para pessoas com amor, com carinho, com respeito sem decepção, sem discriminação’.

Esse autoritarismo⁷ na forma de atuação do modelo oficial impede coparticipação entre médicos e sujeitos e entre médicos e terapeutas populares. Desse modo, os indivíduos ficam impedidos por uma relação de força hierárquica em auxiliar na elaboração do seu próprio diagnóstico (op. cit, 1983). A perspectiva biomédica com seus conceitos altamente objetivos definiu o que gera o processo de adoecimento, o qual é gerado por um:

[...] desajuste ou falha nos mecanismos de adaptação do organismo ou ausência de reação aos estímulos a cuja ação está exposto [...], processo que conduz a uma perturbação da estrutura ou da função de um órgão, de um sistema ou de todo o organismo ou de suas funções vitais (HERZLICH, 2004 apud CRUZ, 2011, p.25).

Mais uma vez nos deparamos com uma concepção que está se restringindo a um mero estado biológico. Em uma perspectiva crítica, o homem é comparado a uma máquina que é fragmentada em partes cada vez menores, distanciando-se de uma concepção integral (BARROS, 2002; FRITJOF CAPRA, 1980 apud CRUZ, 2011).

A forma de a medicina científica atuar fragmentando o sujeito, não observando seu contexto, é um dos motivos que contribui para que Dona Flor seja procurada tanto pelas pessoas do seu Povoado quanto de outras localidades. Assim, pessoas de classes sociais distintas procuram por Dona Flor. É interessante frisar que, apesar desses conflitos apresentados sobre a medicina científica e a popular, Dona Flor relata um ótimo relacionamento com os médicos de Alto Paraíso. Também, é possível observar em várias de suas falas que ela não toma seu saber como legítimo e único capaz de garantir o bem estar das pessoas. Pelo contrário, ela esclarece sobre a importância dos médicos como uma classe necessária no enfrentamento dos processos de saúde, doença e cuidado. Por isso, ela pode ser considerada como uma referenciadora do cuidado para a medicina científica, pois exige das pessoas que a procuram uma regularidade das consultas médicas e de

⁷ Autoritarismo exclui o processo de escuta, tende a criar sujeitos submissos e conformistas, mas é importante salientar que autoritarismo difere de autoridade, pois esse segundo vocábulo faz referência ao respeito, onde se eleva o processo da escuta, em que se sabe que ordens existem, mas estas não podem suprimir a liberdade do sujeito (FREIRE, 1996).

exames de rotina. Esses exames, também, são utilizados como uma ferramenta para orientar Dona Flor no tratamento necessário para determinada pessoa, pois ela se mostra apta em “manipular os dois códigos culturais” (LOYOLA, 1983, p. 28). Essa possibilidade em transitar por universos simbólicos distintos, utilizando suas próprias práticas populares e os aparatos médicos técnicos científicos utilizados, é explicado por Dona Flor:

Já chegou gente aqui que eu vi que eu não podia resolver e tive que mandar para o médico, pra fazer exame, pra depois voltar aqui. Eu resolvi fazer isso, porque uma hora eu posso dar um remédio errado. Eu nunca dei, mas a gente não sabe quando pode acontecer isso né?! Vai pro médico primeiro, vai medir a pressão, vai fazer exame, pra depois voltar aqui. As ervas eu conheço, mas eu não sei dos problemas das pessoa. Eu posso até imaginar o que é, mas eu não posso falar, mas se trazer os resultados dos exames eu sei qual erva usar e como que dou o remédio e como eu faço e manipulo esse remédio.

Até o momento, foram enfatizadas as dificuldades de relacionamento e as situações conflituosas entre a medicina científica e a popular, mas Dona Flor relata que os médicos de Alto Paraíso têm um bom relacionamento com ela e afirma que há médicos e familiares de médicos que usam os remédios que ela produz e os tratamentos. Então, é possível exemplificá-los também como referenciadores principalmente quando faltam remédios nas prateleiras dos hospitais e centros de saúde de Alto Paraíso orientando seus pacientes a procurarem a terapeuta. Essa relação de aproximação é demonstrada na fala de Dona Flor:

Quando eu não dou conta de fazer alguma coisa eu mando para o médico e eles também mandam pra mim. Porque muitas vezes lá em Alto Paraíso, lá no hospital não tem como atender todo mundo, aí eles mandam as pessoas virem aqui, porque aqui eu vou ter como cuidar. Quando é causa de tosse, de vermes fala pra eles pegarem o remédio aqui, principalmente se no posto não tiver. Eu trato até das enfermeiras, elas tomam remédio, médico toma remédio meu também.

Dona Flor tem uma vontade enorme de aprender, ensinar e ajudar o outro, o que facilita significativamente em sua prática cotidiana e no reconhecimento de sua terapêutica. A terapeuta enfatiza o diálogo, a troca de conhecimento como ferramentas essenciais, pois, como já foi dito anteriormente, Dona Flor se insere em um contexto altamente heterogêneo, pois Alto Paraíso é palco de diversos credos

religiosos. Os praticantes de diversas filosofias e religiões vivem muito próximos, tendo respeito às crenças de seus vizinhos, e o mais interessante, compartilham técnicas terapêuticas. Dona Flor explica:

A Bíblia não ensina você discriminar ninguém. A Bíblia ensina você amar e que todos são iguais perante a Deus. A Bíblia fala: amai ao próximo como a ti mesmo, amai o próximo como eu vos amei. O próximo é quem?! O próximo é aquele que se aproxima da gente, então eu não discrimino ninguém. Os místicos, como vocês chamam, ele vêm aqui, eu cuido da saúde deles, eu aprendo com eles e eles aprendem comigo.

Dona Flor compreende e vive em sua terapêutica o compartilhamento de saberes/práticas, o que é um desafio no mundo institucionalizado, fragmentado e racionalizado dos serviços de saúde, os quais são barreiras para a integralidade.

Na próxima seção, serão analisadas as técnicas pensadas e utilizadas por Dona Flor no que tange a transmissão de saberes para a manutenção de seu ofício como terapeuta.

4.2 Transmissão de saberes: A incessante caminhada de Dona Flor para perpetuar seu saber e prática

Dona Flor possui uma grande preocupação em dar continuidade ao seu conhecimento, por isso tenta de todas as formas recrutar pessoas capazes de difundir sua sabedoria acumulada. Ela não quer que ocorra o fim da sabedoria popular, que, como ela mesmo afirma, é tão “humana e respeitosa”. Neste sentido, algumas pessoas, que se interessaram pelo saber de Dona Flor e souberam de seu anseio, vincularam-se a ela e ajudaram-na na divulgação de seu conhecimento por meio de um método não tão “tradicional”. Trata-se de oficinas, que, hoje, são denominadas de “Vivências com Dona Flor”, as quais abordam sobre o preparo e uso de ervas medicinais e sobre os cuidados especiais durante a gestação, o parto e o nascimento. Essas oficinas foram iniciadas em 2003.

Desse modo, segundo ela, a necessidade de dar continuidade ao conhecimento popular se deve ao seguinte fato:

É uma coisa útil, pra mim e o que é bom pra mim eu quero que seja bom pra todo mundo. E outra, eu não consigo fazer o que eu conseguia antes, eu andava quilômetros buscando minhas ervas, mas agora eu estou cansando, não estou dando conta mais. Por isso, faço os cursos, preciso que alguém pegue isso que eu sei e coloque em prática. O difícil é isso, colocar em prática, porque, muitas vezes, tem gente que faz o curso e guarda tudo aquilo no bolso, não passa pra frente uma coisa que é tão humana e respeitosa.

Tive a oportunidade de participar de duas dessas vivências, a primeira, foi a “III Oficina sobre Conhecimentos Tradicionais sobre o Parto e Nascimento com Dona Flor” e a segunda foi “Cuidado da Saúde Masculina: vivência com Dona Flor em Moinho”⁸. Ao longo das Vivências foi possível observar o processo simbólico e o dinamismo de seu saber. Tendo em vista essa preocupação em não guardar para si, não ser detentora única desse saber, mas, de buscar meios de divulgação, Dona Flor revela o elemento essencial e definidor dos saberes populares, que é o fato de não ser autoral, mas uma obra coletiva, que deve ser compartilhada e trocada entre os sujeitos. Nessas vivências, ela vasculha suas memórias e tenta-nos passar suas experiências, fazendo-nos refletir a importância de estabelecer um olhar crítico para nós mesmos. Essas aconteceram na casa de amigas próximas da terapeuta que valorizam seu saber e prática. Na oficina sobre parto e nascimento, havia 17 mulheres e 1 homem, grupo heterogêneo, com diferentes níveis de formação. E, na oficina sobre saúde do homem, havia 5 mulheres e 2 homens. Com duração de quatro e três dias de duração respectivamente. Eu estava em uma posição mais analítica e atenta a algumas pessoas do grupo, principalmente, aquelas com formações superiores. Foi possível observar, ao longo desses dias, que os participantes tinham diferentes motivações e muitos modificaram seus olhares sobre o conhecimento popular. Algumas estavam ali, justamente, para conhecer e aprender a dinâmica do saber popular, porém, outras objetivavam construir um novo juízo de valor. Todos admiraram o conhecimento de Dona Flor e, além disso, sua conduta. Uma participante da vivência sobre parto e nascimento afirmou ter ficado impressionada com a humildade de Dona Flor em reconhecer que tem muito a aprender com outros e, também, a ensinar. Essa participante se emocionou ao relatar essa capacidade de Dona Flor. As Vivências com essa terapeuta popular

⁸ Anexos dos folhetos de divulgação das “Vivências com Dona Flor”.

seguem um cronograma de organização, a fim de que seja possível apreender a essência de sua sabedoria em uma lógica diversa e outra temporalidade de atuação das práticas populares. Essas oficinas são iniciadas e finalizadas com uma oração conduzida por ela. Como esta:

Senhor e meu Deus, meu Pai, Pai do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, Pai de todas essas criaturas que aqui se encontram. Pai, nesse momento, nós entregamos a nossa vida em suas mãos, entregamos essa viagem, essa união, essa reunião que estamos fazendo no paraíso. Buscai ó Deus, meu Pai aquilo que é necessário com as ordens do senhor, eu te peço em nome de seu Filho amado que o Senhor nos guarde de todo mal, que o Senhor nos ajude e nos dê sabedoria. Mostra pra cada um de nós o que devemos fazer, segundo seja a tua vontade, segundo seja a sua palavra, porque nós precisamos de ti Senhor e nós esperamos a sua graça e a sua benção, para que possamos fazer o melhor, segundo seja a sua vontade. E eu te agradeço, nesse momento, e te peço a todas essas pessoas que dirigiram seus passos nesse objeto, nesse objetivo de construir uma nova vida com a natureza. Eu te agradeço, nesse momento, muito obrigado e nos guarde de todo mal e preserva muito bem a nossa viagem e tudo que nós vamos fazer, em nome de Jesus. Amém!

Após o acolhimento, a apresentação de Dona Flor e do grupo, a primeira atividade programada, em ambos os cursos, foi “sair para o mato”, a fim de coletar as ervas necessárias para as atividades. Na primeira Vivência, o foco era atuar sobre a mãe e o recém-nascido e, na segunda, era sobre a saúde do homem. Em nossas saídas para o mato, Dona Flor caminhava sempre a frente do grupo, andando tão depressa que às vezes se dispersava dos demais participantes, parecia muito entusiasmada em subir e descer ladeiras para encontrar as ervas necessárias e explicar suas funcionalidades terapêuticas. A coleta não é feita de qualquer modo, mas há uma forma correta de retirar o elemento do cerrado, sem danificar a planta. Apesar de ter plantação de algumas ervas em sua casa Dona Flor prefere coletá-las no cerrado, pois segundo ela as ervas nascidas nas matas têm mais vigor, em comparação aquelas plantadas, além proporcionar maior proximidade com a natureza.

No primeiro dia do curso sobre parto e nascimento, houve a ambientação e acomodação do grupo sem a participação de Dona Flor. No segundo dia, nos deslocamos para uma mata próxima à casa de Dona Flor, cerca de um quilômetro, ela estava muito atenta ao campo, parava quando reconhecia uma erva que serviria

para gestação, parto, puerpério e para o recém-nascido, mostrava como deveria ser coletada e como deveria ser usada. Ela apresentava as ervas assim:

Olha essa aqui é a mirrama, que é bom pra dar quando tá nascendo os dentes. A dentição vai muito da alimentação da mãe, a mãe tem que proteger o filho amamentando até nascer os dentes da criança, pra ele não descalcificar, porque se desmamar ele e passar pra mamadeira ele fica fraco, porque o leite é o cálcio. Então na dentição a mãe tem que tá com uma boa alimentação e fazer chá. A mirrama eu uso a flor e a folha pra fazer o chá.

Dona Flor não colocava o grupo em uma posição somente de observação e escuta, pois para aprender é necessário, conforme ela: “colocar a mão na massa”, por isso algumas pessoas se voluntariavam para fazer a coleta, em que as raízes seriam posteriormente replantadas pelos próprios participantes. Após coletar as ervas voltamos ao local onde aconteceu a maior parte da vivência, na casa ao lado da de Dona Flor. Essa vivência aconteceu em um quintal amplo, onde havia muitas árvores entre outras plantas. Organizamos-nos em círculo para escutar quais os cuidados com a mulher na gestação e os sinais importantes para um bom parto. Neste sentido Dona Flor fala:

Primeiramente a mulher deve se preparar, fazendo os exames, o pré-natal e não pode esquecer de uma alimentação certa, saudável. A mulher tem que tomar cuidado com a barriga, não tomar friagem na barriga. Para ter uma boa gestação, deve evitar as brigas com a família, com o marido, não se envolver com bebida e droga, fazer exercício leve, como uma caminhada. Porque o começo da vida de uma pessoa é na barriga da mãe, desde a amamentação. Eu mesma nunca fui mulher extravagante pra tá comendo coisa pra prejudicar meus filhos, hoje são todos muito fortes.

No terceiro dia, em um quintal, também, vizinho à casa de Dona Flor, os participantes prepararam a terra, orientados por Dona Flor, capinando o canteiro e plantando as raízes coletadas no cerrado, em que cada um plantava e falava o que havia aprendido sobre aquela erva, Dona Flor, por sua vez, complementava. Nesse mesmo dia, foi realizada uma simulação do parto como um teatro, quando Dona Flor propôs um cenário e escolheu entre os participantes aqueles que fariam o papel da parturiente, do pai, da doula e da parteira. Dona Flor narrava orientando a encenação, quais eram as possíveis complicações de um parto e ensinando como agir em situações hipotéticas.

No quarto dia do curso, Dona Flor orientou os cuidados necessários no pós-parto, indicando alguns chás bons para o útero e para mulher ter bastante leite. O período de resguardo foi exaltado por Dona Flor como um momento indispensável. Por isso, Dona Flor orienta as mulheres repousarem, ter uma boa alimentação, sempre verificando se o bebê tem cólicas devido a alimentação da mãe. Em nenhum momento Dona Flor deu uma receita pronta, um procedimento certo a ser seguido, pois ela fala:

Gente, eu mostrei aqui pra vocês algumas ervas, algumas atitudes para cuidar da mãe e do bebê, mas eu não tenho uma receita, porque cada um tem um problema e para resolver esse problema a gente tem que saber a necessidade de cada uma, se tem algum problema de saúde, se está passando por algum problema com a família, se usa o que não deve. Não é somente tomar um remédio e pronto, porque uma erva pode ser boa pra você, mas pode não ser boa pra ela. Então, a gente tem que aprender primeiro a escutar porque cada pessoa é diferente da outra. Por isso que eu falo que pra fazer isso que eu faço, precisa de muita prática, muita seriedade e dedicação vocês vão sair daqui com um pouquinho de conhecimento, mas não pode parar por aí tem continuar na caminhada, porque o que eu faço não é brincadeira eu estou mexendo com vida do outro. Algumas ervas são tão fortes que se eu não souber o que a pessoa tem, qual dosagem certa eu posso matar essa pessoa.

No curso sobre saúde do homem, Dona Flor compartilhou com o grupo quais eram os cuidados necessários nas diferentes fases de desenvolvimento masculino. Esse aconteceu na única pousada do Povoado em uma sala espaçosa. Apesar de ter sido um grupo reduzido, comparado à vivência sobre parto e nascimento, Dona Flor estava visivelmente mais emocionada, pois ela estava efetivando um antigo sonho. Desde as primeiras conversas com Dona Flor para essa pesquisa, a mesma deixou claro que lhe angustiava saber que tem tantos filhos, porém nenhum deles se interessava pelo seu saber. Segundo ela: “Meus filhos só Wilson que sabe muita coisa, mas não usa. Talento enterrado!” Entretanto, durante a realização do curso fomos surpreendidos pela presença de seu filho Wilson que a ajudou a ministrá-lo, pois ele decidiu receber o legado da mãe e dar continuidade ao seu saber e prática. Sobre esse legado Wilson fala:

É muita responsabilidade, Tamara, mas a gente tem que fazer o que gosta e eu gosto! Eu saio para o mato, eu passo duas horas, três horas sozinho, porque as plantas todas próximas de você e você não sabe qual a utilidade delas, saio sempre com os meus livros. Minha mãe foi minha guia e ainda é, eu ainda tenho muito que aprender, mas eu adoro andar pela natureza. Primeira vez que eu estou andando com ela em um curso, mas quando eu era criança eu andava muito com ela, sempre perguntando pra ela. Minha mãe fala pra mim, assim, que ela já tá cansada, ela falou que única pessoa que interessou foi eu, que sempre saí, quando ela precisa dos remédios, porque eu conheço um pouco. Ela tá cansada, porque as pessoas procuram e ela não consegue mais buscar os remédios. Aí de repente vai acarretando, sabe. Aí ela fica mais triste, porque ela tem uma responsabilidade, mas não tem uma ponte pra fazer uma ligação a ela, mas na verdade essa ponte no momento tá sendo eu, sem interesse nenhum de ganhar nada. Vou trabalhar como ela sempre pensando no todo. Porque é coisa muito séria trabalhar com a natureza e com as pessoas. E quando você começa a conversar com as pessoas com carinho, com boas intenções é prazeroso! Então essa é a intenção da mamãe e minha. Eu já tô com quase 50 anos e tô me empenhado a estudar pra me responsabilizar por algo que é muito sério. Eu estou na teoria e ela está na prática, ela não lê e não estuda como eu. E os conhecimentos dela, digamos que 90% é o que ela conhece e somente 10% ela não conhece. Eu estou me empenhando mais agora, quando ela declarou pra mim que me quer como ela. Então eu vou dar esse gosto pra ela e para as outras pessoas sempre com responsabilidade. Agora eu tenho que pegar o cajado e não largar.

O primeiro dia do curso foi reservado para acomodação e ambientação dos participantes, porém, não contou com a presença de Dona Flor. Já no segundo dia, assim como no curso sobre parto e nascimento, “saímos para o mato” coletamos as ervas no cerrado um pouco mais distante da casa de Dona Flor, cerca de seis quilômetros. Wilson foi para mato com o grupo, mostrando sua proximidade e familiaridade com a natureza e com as ervas. Dona Flor e seu filho identificavam juntos e se complementavam na explicação sobre a função terapêutica de cada planta medicinal que encontrávamos ao longo de nossa caminhada. Foi possível identificar claramente quando Wilson encontrou uma planta medicinal, em que Dona Flor não reconheceu, a priori. O diálogo que manifestou o observado foi este:

Wilson: Olha aqui o guaco mamãe!

Dona Flor: Não é guaco não, Wilson!

Wilson: Olha aqui o cipó dele, cheira a folha pra senhora ver, olha cor das folhas bem verde e também tem o cipó.

Dona Flor: É verdade, o Wilson tem razão, tá vendo como ele sabe muita coisa, ele vai me ajudar muito. O guaco é para os rins, ele é para o diabetes, ele é para o colesterol, pressão alta.

Wilson: Além das funções que mamãe falou tem outras funções é muito bom pra gripe e bronquite, se tiver com rouquidão ela passa logo, logo.

A relação dos dois é de complementaridade, pois de acordo com Wilson: “Eu aprendo com ela e ela aprende comigo”. Outros diálogos mostraram essa complementaridade de fazer o reconhecimento das ervas e suas funções terapêuticas quando Wilson e Dona Flor falam:

Wilson: Essa aqui é a famosa catuaba vergateza, eu conheço ela só pela folha, que você pode dobrar do jeito que quiser que ela não quebra, ela é para cólica, para os músculos e é um afrodisíaco natural.

Dona flor completa:

Isso, e também é um excelente remédio para impotência. Vamos colocar essa catuaba na garrafada que a gente vai preparar mais tarde para o homem adulto.

Apesar de Wilson aprender com sua mãe, ele tem e terá uma forma diferente de atuar. Ao longo do curso, observei-o recorrendo aos seus livros sobre os valores terapêuticos das plantas medicinais combinando com o saber de sua mãe. Sobre essa complementaridade Wilson fala:

O nosso organismo precisa de algumas ervas para se manter bem [Wilson fala e continua a ler o livro e os efeitos terapêuticos das ervas]. Olha, quando minha mãe não sabe o efeito de um remédio eu venho aqui nos meus livros e estudo, até mesmo quando ela sabe pra complementar né?!

Nesse mesmo dia, foi confeccionada uma garrafada para o homem adulto, com as ervas e raízes que foram coletadas no cerrado. No processo de produção da garrafada, foi realizado um compartilhamento prático e teórico sobre o uso de diferentes ervas para a prevenção de doenças masculinas como Andropausa, câncer de próstata e também hipertensão e diabetes. Dona Flor falou quais ervas seriam utilizadas e ao invés de repetir seu valor terapêutico pediu para que cada participante falasse a sua funcionalidade, que seria completada pelas falas de Wilson mediante a leitura de seus livros:

[Wilson lê o valor terapêutico da douradinha] É uma planta usada nas moléstias pulmonares e também usa na sífilis. Emprega na terapêutica popular contra bronquites ósseas para amolecer tumores e limpar úlceras velhas. Elas são emolientes e merecem menção especial. Parte usada: folha em infusão. Dose: 20 gramas para um litro de água e deverão ser usadas de quatro a cinco xícaras por dia.

Para o uso da garrafada Dona Flor recomenda:

Estamos fazendo essa garrafada aqui que não é pra curar nada é para prevenir. Por isso eu peço pra vocês não fazerem coisas erradas, vocês que estão fazendo pro marido, pro pai tem que falar isso, porque isso aqui dá saúde, mas também tira. Tem que ter uma alimentação boa, fazer exercício, evitar passar raiva, os remédios que a gente tá usando aqui eu sei que não vai fazer mal pra ninguém, mas é preciso evitar essas coisas porque a nossa saúde depende da gente.

No último dia do curso, Dona Flor também estava aparentemente feliz, pois sua filha mais velha, Zita, ministrou-o junto com sua mãe, ensinando quais os cuidados necessários com o menino recém-nascido. Participaram também, no último dia, a bisneta de Dona Flor, mãe de seu tataraneto que tinha quarenta dias. Zita mostrava como dar banho no bebê, exemplificando através de seu neto de quarenta dias, e as ervas necessárias para esse banho:

Olha aqui é o picão, a gente tira as sementes e as flores, porque as vezes pode dar uma irritaçõzinha na pele, aqui eu tiro a raiz para fazer a mãe beber. Ele toma banho com a folha e a mãe toma o chá da raiz. O bebê pode tomar um pouquinho de chá quando está com icterícia. Ele tá com 40 dias [Zita refere-se ao seu neto] e só toma banho com ervas, o picão sempre continua, mas eu sempre mudo as ervas. A gente pode dar banho com a folha do chuchu, pode dar banho com a folha de maracujá, erva- cidreira, o poejo japonês, o hortelã, a marcela, a rosa maná, para acalmar o bebê. Então para fazer os chás deve lavar tudo bem lavadinho, colocar a água pra ferver e quando a água tiver fervendo, você pega todos esses remédios e coloca dentro da água fervendo e tampa, deixa ferver uns 5 minutos, ferveu 5 minutos, desliga e deixa tampado, aí deixa esfriar com o tempo, aí esfria, deixa dar a temperatura certa, aí pode dar o banho no bebê. Pra assadura não tem como o óleo de soja, porque o óleo de soja protege a pele, não deixa assadura. O óleo de soja é medicinal pra criança contra assadura. As minhas netas que tiveram assadura tudo eu tratei com óleo de soja.

Dona Flor completa Zita e fala também da necessidade de cuidar dos órgãos genitais do bebê recém-nascido. Dona Flor:

Para dar banho no neném não pode ter pressa. O banho é a hora de o bebê relaxar e outra é preciso ter cuidado com órgãos genitais do neném, pra evitar a fimose, que é a pele que fica grudada na cabeçinha do pênis. Então, para evitar a fimose tem que ter uma boa higiene nessa parte, tem que fazer massagem com óleo de mamona para evitar uma operação no futuro.

Foi possível perceber, nessas vivências, que o terapeuta popular não se fecha em si mesmo, não está parado no tempo, ele se reinventa como no caso de Wilson que recorre aos livros para ampliar seu saber e prática terapêutica. Também Dona Flor que realiza essas Vivências para transmitir seu conhecimento, diante de outro universo teve que se reinventar na transmissão de seu saber.

Em ambos os cursos percebi que não havia participação de muitas pessoas moradoras do Povoado, provavelmente, isso é devido ao fato do valor cobrado ser alto para os padrões financeiros da região. As pessoas que aderiram aos cursos tinham, em sua maioria, curso superior. Dona Flor relata que essas vivências foram a única forma que ela teve para transmitir o que ela sabe, já que ela recebe ajuda de outras pessoas para divulgar e produzir as vivências, pois tinha muita dificuldade de recrutar pessoas interessadas em aprender o seu ofício terapêutico.

Percebe-se, portanto, no processo de transmissão de saberes de Dona Flor sua efetivação em outros contextos, que enfatizam a autoria e o indivíduo enquanto produtor de conhecimento. No entanto, nesses outros nichos, Dona Flor se apresenta não como única conhecedora de um saber, mas como divulgadora do mesmo, se preocupando em repassá-lo e não em guardá-lo.

Ao transmitir conhecimento a terapeuta popular não se arvora no aspecto teórico de seu saber, ou seja, não se atenta em somente passar as funções terapêuticas das ervas, mas utiliza uma metodologia própria que faz o outro viver sua corporalidade ao enfatizar a singularidade de cada indivíduo, pois há um objeto a ser desvendado para iniciar a terapêutica coerente a necessidade que foi compartilhada. Nas falas de Wilson, principalmente, foi possível perceber que seu aprendizado não está arraigado em catalogar as ervas e suas funções terapêuticas, mas passou por um processo prático que o fez entender que o outro requer escuta.

As estratégias de prevenção e promoção da saúde foram delineadas em ambos os cursos, em que Dona Flor deixava claro a necessidade de uma ação antecipada ao desencadeamento de determinada doença contextualizado sempre sujeito ao enfatizar o diálogo coparticipativo, fazendo entender que as pessoas devem estabelecer um olhar crítico para elas mesmas, a fim de garantir qualidade de vida. Dona Flor ressalta nas Vivências, a amplitude do que é saúde, em um aspecto integral do cuidado. Além disso, Dona Flor acaba por desencadear a autonomia dos sujeitos em processo de adoecimento, quando afirma assim:

Saúde é ter um bom relacionamento com você mesmo, porque todo mundo sente dor, todo mundo tem problema, mas esse problema pode ser resolvido como uma boa conversa em que, às vezes, só você pode resolver, que remédio nenhum dá jeito. Por isso que eu falo, a gente tem que olhar pra gente com amor e entender o que acontece com a gente, os cursos que eu dou, as pessoas que vêm me procurar eu tento colocar na cabeça delas isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método qualitativo etnográfico permitiu adentrar no meio onde acontece a operacionalização do saber de Dona Flor e compreender parte do processo simbólico que enreda a prática local. Mediante essa aproximação, foi possível captar o discurso e transformá-lo em relatos mais palpáveis. Também, considero que se revelou uma ferramenta pedagógica importante, no momento em que se passa a ter contato com realidades sociais onde direta ou indiretamente irei atuar na minha futura vida profissional como sanitarista.

Dona Flor é uma profunda conhecedora de práticas populares e uma profunda conhecedora das verdadeiras necessidades humanas e apresenta uma sensibilidade apurada. Ela situa e observa o sujeito não somente em uma única perspectiva, mas em suas várias dimensões como um organismo integral, ou seja, considera o contexto que envolve o indivíduo para explicar determinada situação de sofrimento/adoecimento. A terapeuta popular não se arvora conhecedora de uma verdade única, mas está ciente da necessidade de articular seu saber/fazer com diferentes áreas, pois mostra necessidade de aprender e também ensinar. Dona Flor tenta por diversos meios compartilhar o que sabe para evitar o definhamento da sabedoria popular que é detentora.

Como já frisado, as práticas terapêuticas utilizadas por Dona Flor não são regulamentadas em documentos oficiais, que determinem seu modo de atuar, assim como de outros terapeutas populares. Entretanto, principalmente, a promoção e prevenção à saúde o que rege seu ofício terapêutico para estabelecer de forma coerente um cuidado. De acordo com Dona Flor, não há uma receita pronta para o seu modo de agir, mas sim um complexo processo de análise da realidade do outro, de sua singularidade e subjetividade.

O cuidado integral, efetivado por Dona Flor, foi um dos pontos centrais estudado neste trabalho. Para tanto, foi necessário seguir uma sucessão de acontecimentos coerentes aos atributos que caracterizam esse princípio. A fim de dar sentido a tudo o que foi observado, houve a preocupação por parte da pesquisadora, em organizar os dados coletados focando no princípio da integralidade e lógica da terapêutica

popular. Desse modo, foi imprescindível compreender quem é essa terapeuta popular, onde ela se situa e como atua. Os elementos da subjetividade e da singularidade, os quais foram apresentados na terapêutica de Dona Flor, também, foram explorados em seu modo de atuar. Além disso, este trabalho teve a preocupação de compreender a forma de atuar de Dona Flor ao não descaracterizar a pessoa que recebe o cuidado como mero paciente, pois em nenhum momento ela se referiu aos sujeitos que recebem seus cuidados usando esse adjetivo.

Ao observar a maneira de atuar de Dona Flor foi possível reafirmar que o vigente sistema de saúde, o SUS, ainda é incipiente na integralidade do cuidado, pois mantém o modelo fragmentado e reducionista das necessidades dos sujeitos, barreira para contemplar a totalidade do cuidado. Sabendo disso, como futura sanitária, não escolhi avaliar o sistema institucionalizado, pelo contrário, quis ir a uma pequena comunidade, conversar com uma senhora e entender como se dá operacionalização desse saber e prática que mantém os terapeutas populares lado a lado ao idealizado oficialmente por nosso sistema de saúde. Aqui não se teve a pretensão de silenciar o saber oficial, mas sim refletir sobre a necessidade de complementaridade de saberes, pois esse processo criativo do conhecimento popular, fundamentado em uma realidade social, mostrou de forma prática qual a sua verdadeira importância. A relação dialógica desse processo permite a valorização do saber/fazer do outro, do indivíduo que busca a terapêutica popular. O campo saúde requer a efetivação da integralidade que:

[...] perpassa uma caracterização fenomenológica de valoração do ser humano como um “ser-aí”, presente no mundo, com um projeto de vida singular, que vê, na doença, um obstáculo à condução de sua vida e que, por isso, necessita ser compreendido, escutado, assistido, enfim, cuidado (PINHO et al., 2007, p. 839).

Apesar das inegáveis conquistas no setor saúde, o SUS ainda não efetivou o que está regulamentado por lei. A saúde como direito constitucional está sendo posta em prática em uma perspectiva segmentada, voltada a aspectos fisiopatológicos, que impede um cuidado condizente à necessidade dos indivíduos. Portanto, é necessário abrir mão dessa cultura autoritária e qualificar a escuta no reconhecimento dos sujeitos.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. M. N. **Pensando e vivendo a política de atenção à saúde: estudo de duas biografias**. Brasília, DF: FCE-UnB, 2013. Monografia do curso de Saúde Coletiva 2013.

ATTUCH, I. M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: Sobre a memória de Dona Flor raizeira e parteira**. 147 fl. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília – DF. 2006.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: Obra teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996/2011.

BOURDIEU, P. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982/2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **A construção do SUS: histórias da Reforma Sanitária e do processo participativo**. Brasília, 2006, 300 p.

BRASIL. **Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 1990. p. 018055.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CAMPOS, C. E. A. O desafio da integralidade segundo as perspectivas da vigilância da saúde e da saúde da família. **Ciênc. saúde coletiva** [online], vol.8, n.2, pp. 569-584, 2003.

CÂNDIDO, A. As formas de solidariedade. In: WELCH, C. A. et al. (Org.). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**: v. 1. São Paulo: Unesp; Brasília: Nead, 2009. p. 217-238.

CARDOSO, I. L. **O Saber/fazer das parteiras populares do entorno do entorno do Distrito Federal**. 56 fl. Monografia de graduação do curso de Saúde Coletiva, UnB, Brasília, 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *“Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”*. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. SP: Cosac & Naify, 2009.

CRUZ, M.M. *Concepção de saúde-doença e o cuidado em saúde*. In: GONDIM R, GRABOIS V; MENDES JUNIOR, W.V. **Qualificação dos Gestores do SUS**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz/ENSP/EAD; 2011. p.21-33.

FARIA, A.P.O.C. **O Uso de Plantas Medicinais em Juscimeira e Rondonópolis, Mato Grosso: um estudo etnoecológico.** 1998. 189fl. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1998.

FLEISCHER, S. *“Então, minha filha, vamos se afomentar? Puxação, parteiras e reprodução em Melgaço, Pará”.* In: **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, maio/jun, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 47 ed; 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** SP.: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura.** In: _____. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HOROCHOVSKI, M. T. H. **Representações sociais: delineamento de uma categoria analítica.** *Revista eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC.* Vol. 2 n. 1, p. 92-106, 2004.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. CD ROM, Versão 2.0.

IBÁÑEZ- NOVIÓN, M. Os profissionais de saúde de formação tradicional no norte de Minas Gerais. In: FLEISCHER, S. SAUTCHUK, C. **Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibanéz-Novión.** Brasília, Ed. UnB, 2012.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?>> Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

JODELET, D. *Représentations sociales, un domaine en expansion.* In: JODELET, D. (org). **Les représentations sociales.** 2ed. Paris: PUF, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutura Dois.** 4. Ed Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde.** SP: DIFEL, 1983.

MALINOWSKI, B. **"Argonautas do Pacífico Ocidental".** Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MANNHEIM, K. **Strukturen des Denkens.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1980.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990.

MAUSS, M. 1974 [1923-24] Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____ **Sociologia e Antropologia**, v. II. SP: EDUUSP

MÁXIMO, M. **Por entre espaços e temporalidades: corpo, memória e história de vida de uma benzedeira**. 52 fl. Monografia de graduação do curso de Saúde Coletiva, UnB, Brasília, 2013.

MINAYO, M. C. S. “O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica”. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em Representações Sociais**. RJ/Petrópolis: Ed. Vozes, 2011

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2004.

MINAYO, M. C. S. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. São Paulo: Hucitec. 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec. 1993.

MORAIS, R.G; JORGE, S.S.A. *Etnobotânica e plantas medicinais: um enfoque sobre medicina tradicional*. In: COELHO, M.F.B; JÚNIOR, P.C.; DOMBRESKI, J.L.D. (Org.) **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá. MT, p. 89-98, 2003.

MOTA, M.G.F. de L.C. **Plantas medicinais utilizadas por raizeiros: Uma abordagem etnobotânica no contexto da saúde e doença**. Cuiabá, Mato Grosso. 1997. 252 fl. Dissertação apresentada no Programa em Saúde e Ambiente. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá – MT. 1997.

NUNES, E. D. Saúde coletiva: história de uma ideia e de um conceito. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 5-21, 1994.

OLIVEIRA, E. **O que é a Medicina Popular**. Campinas, SP. Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP,2006.

PINHO L.B. et. al. A integralidade no cuidado em saúde: um resgate de parte da produção científica da área. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. V. 9 n. 3 pp. 835-46, 2007.

SILVA, S. G. **Um cotidiano partilhado entre práticas de representações de benzedeiros e raizeiros (Remanescentes de Quilombo de Santana da Caatinga –MG/ 1999-2007)**. 186 fl. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Universidade de Brasília, Brasília – DF. 2007.

SIQUEIRA, K. M. et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. **Texto contexto - enferm.** [online]. vol.15, n.1, pp. 68-73, 2006.

SOARES, P. **Religião e cura: a biografia de um profeta**. Brasília, DF: FCE-UnB, 2013. Monografia do curso de Saúde Coletiva, 2013.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 20 n.1, pp. 135-142. 2006.

TEIXERA, C. **Os princípios do Sistema Único de Saúde**. Texto de apoio elaborado para subsidiar o debate nas Conferências Municipal e Estadual de Saúde. Salvador, Bahia. Junho de 2011.

TRAD, L. A. B. Trabalho de campos, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídio ao campo da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17 n. 3 pp. 627-633, 2012.

7 ANEXOS

III OFICINA DE ENSINAMENTOS TRADICIONAIS SOBRE O PARTO E NASCIMENTO COM D.FLOR



D.Flor, conhecida parteira tradicional residente no Moinho, em Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Goiás, compartilha nesta terceira oficina, seus conhecimentos sobre parto e nascimento, principalmente relacionados à fitoterapia, com plantas do cerrado. Ela já fez mais de 250 partos e pariu 13 filhos. É raizeira e tem profundo conhecimento sobre as melhores ervas para serem usadas nas várias fases da vida da mulher.

Nas duas oficinas anteriores, realizadas em 2011 e 2012, tivemos o privilégio de conhecer um pouco de seu trabalho, mas D. Flor sabe muito. Além disso, pelo fato de ter mais de setenta anos, ela sente uma urgência em compartilhar mais desse rico conhecimento, que ajuda as pessoas no cuidado da gestação e parto. Esta oficina é uma rara oportunidade para ter acesso à sabedoria ancestral de Dona Flor.

Data: 16 a 19 de Maio de 2013

Horário: sexta e sábado: 8 às 12h; 14 às 19h, domingo: 8 às 13 h.

Organização: O Curso está sendo organizado pela Casa da Luz. Será realizado na Aldeia Mayana, localizada na Comunidade do Moinho. Número de vagas – 20

Hospedagem e refeições: A hospedagem e refeições serão realizadas no local do Curso e estão incluídas no custo do mesmo. O transporte até o local será feito por carona solidária.

Investimento: R\$ 620,00 à vista ou duas parcelas de R\$ 325,00.

10% de desconto para inscrições até dia 26/04.

**CUIDADOS DA SAÚDE MASCULINA.
VIVÊNCIA COM A DONA FLOR EM MOINHO.
14,15 e 16 Junho 2013**

Conteúdo:

- Cuidados das diferentes etapas da saúde masculina.
- Vida sexual saudável.
- Preparo de chá e infusão especialmente pra homens.
- Ensinaamentos das diferentes ervas para o uso preventivo das doenças masculinas. (conhecimento prático e teórico).
- Preparação da garrafada da saúde masculina.



Dona Flor é Parteira tradicional, curandeira e faz varias vivências sobre saúde natural, de grávidas e bebês. Agora completando seu sonho irá fazer a vivência de cuidados de saúde masculina.

Inclui:

2 noites em Moinho no espaço ADI SHAKTI,
Alimentação inclusa no período da vivência

Vivência: Cuidados da saúde masculina

Sexta: a tarde Recepção

Sábado: vivência no Adi Shakti -Moinho.

Domingo : vivência ate 12:00h

Valor: 420,00

Valor sem hospedagem : R\$280,00

Não inclui transporte nem entrada cachoeira.

Outras informações:

Telefone Adi Shakti: 62 9699-5417/ 62 9601-8313

www.adishaktibrasil.com

musicoterapiasur@yahoo.es

adishaktio@yahoo.com.br